



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

**ROSILANDIA DE SOUZA RODRIGUES**

**PANORAMA DA EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO  
PEDRO NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL - PA.**



**CASTANHAL  
2018**

**ROSILANDIA DE SOUZA RODRIGUES**

**PANORAMA DA EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO  
PEDRO NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL – PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Pedagogia da  
Universidade Federal do Pará, como  
requisito parcial para a obtenção do grau de  
licenciada em Pedagogia.

**Orientador:** Prof. Dr. Assunção José  
Pureza Amaral

**CASTANHAL  
2018**

Trabalho de Conclusão de Curso de **Rosilândia de Souza Rodrigues**, intitulado: “**Panorama da educação na comunidade quilombola São Pedro no município de Castanhal Pará**”, orientado pelo Professor Dr. Assunção José Pureza Amaral, apresentado à banca examinadora designada pela Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, em 27 de setembro de 2018.

**Banca Examinadora:**

Orientador:

Prof. Dr. Assunção José Pureza Amaral (UFPA)

---

Examinador:

Prof. Msc. Marcos Lobo de Azevedo (SESUD/8ª URE)

---

Examinadora:

Prof. Msc. Joana Carmen do Nascimento Machado (SEDUC)

---

Ao Deus, por ser o meu maior exemplo de fé e persistência, ao meu Pai Fernando, minha mãe Maria Conceição e meus irmãos Elisiane e Claudinei por serem a base da minha vida, ao meu avô Pedro Cirilo e a minha amada e para sempre inesquecível avó Sebastiana (*In memórian*) pelos ensinamentos.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu bondoso Deus por ter me permitido realizar o sonho de cursar um nível superior e por ter me dado força, coragem e ousadia durante esses quatro anos e meio de curso.

Aos meus amados e maravilhosos pais Fernando Feitosa e Maria Conceição pelo incentivo, pela parceria, pela confiança, enfim por não terem medido esforços em me ajudar. Obrigada, pois vocês são as minhas maiores fontes de inspiração, amo muito vocês!

Deixo aqui um agradecimento especial ao meu Pai Fernando pela inspiração, pois foi por ver sua postura enquanto educador que decidir seguir por esse caminho. Sou grata pelo exemplo de luta, persistência e coragem que sempre demonstrou.

Aos meus queridos irmãos Elisiane e Claudinei pela ajuda, paciência e companhia dedicadas durante esse período, jamais vou esquecer e ter como retribuir tudo isso. MUITÍSSIMO obrigada por tudo, amo vocês intensamente!

Aos meus avós, especialmente a Sebastiana Feitosa (*In memórian*) e Pedro Cirilo pelo imenso amor, carinho e afeto. Sou grata pelos conhecimentos e experiências a mim compartilhadas, obrigada por serem referências na minha vida e na nossa comunidade, amo vocês eternamente!

Na pessoa do meu tio Edson Feitosa que por diversas vezes me ajudou agradeço a todos os meus tios e em especial a minha tia Raimunda que sempre esteve apta a me ajudar, sou grata pelo carinho e estímulo de todos, amo vocês!

A todos os meus primos especialmente a Antônia Cleisiane e Elem Márcia pelo companheirismo e carinho a mim dedicados, obrigada pelo ombro amigo e por estarem disponíveis sempre que preciso!

A toda minha família que sempre torceu por mim e sempre esteve presente nos melhores e mais difíceis momentos da minha vida, sou grata por ter vocês na minha vida!

Na pessoa de Maria Lilian que na reta final dessa caminhada tornou-se uma grande amiga, com quem dividir angústias e alegrias, que me abriu as portas de sua casa nos momentos que precisei agradeço a todas as amigas, especialmente a Eni Maria por toda amizade carinho e acolhimento, Maiara Meireles, Marilene Reis, Estefane Gomes, Sirlene Nunes e Niedi Cordovil pelo companheirismo e parceria durante esses anos de graduação, pelos momentos de descontração, de boas e divertidas conversas, enfim agradeço até mesmo

pelos momentos de estresse e puxões de orelha, pois também contribuíram com o meu desenvolvimento.

A professora Valdete que dividiu comigo suas experiências, sua aprendizagem, que se tornou uma amiga e incentivadora. Sou grata pelo carinho, jamais vou esquecer dos seus ensinamentos!

Ao colega Rodrigo Santos pela significativa contribuição, parceria e ensinamentos.

Ao Centro de Educação Infantil Nova Vida pela recepção, pelos momentos de alegria e aprendizados construído junto das crianças, pela amizade e carinho dos alunos, professores e dos demais funcionários durante os seis meses no quais estive presente no centro como professora estagiária. Foi uma experiência sem igual, a qual jamais irei esquecer e os aprendizados adquiridos além de terem contribuído com a minha formação contribuíram também para o meu desenvolvimento enquanto pessoa.

A turma Pedagogia 2014 pelo acolhimento, amizade, companheirismo, aprendizados e acima de tudo pelo respeito.

Aos docentes da Faculdade de Pedagogia especialmente ao professor Assunção, João Malheiros e Madison Ribeiro pelos significativos ensinamentos, pois mudaram minha vida e minha forma de perceber e entender o mundo.

Agradeço ao competente professor e orientador Assunção José Pureza Amaral pelos ensinamentos, experiências, contribuições e aprendizados, também pelo incentivo, pela amizade, pois ao longo da minha vida acadêmica tornou-se referência para mim devido suas inúmeras qualidades enquanto educador.

As escolas e instituições nas quais realizei as disciplinas de estágio, sou grata pelo acolhimento e compartilhamento de conhecimentos e experiências, pois foram de extrema relevância e significância para a minha formação.

A comunidade Quilombola São Pedro por me fazer conhecer e reconhecer minha identidade, minhas origens, minha história, enfim por me fazer ser quem sou, amo minha comunidade querida!

A escola e os professores participantes da pesquisa por terem me recebido e assim se disponibilizarem em contribuir com o desenvolvimento e realização desse trabalho. Serei eternamente grata, pois vocês foram os principais responsáveis pela realização desse sonho que é o nível superior!

A Universidade Federal do Pará (UFPA) que por meio do processo seletivo especial para quilombolas (PSE) me possibilitou a oportunidade de estudar numa instituição que é referência em qualidade de ensino; ao projeto Clube de Ciências e o Programa Universidade no Quilombo por terem me proporcionado muitos aprendizados; a Faculdade de Pedagogia (FAPED); ao Campus Universitário de Castanhal e a todos os funcionários que contribuem com o desenvolvimento das atividades no mesmo e conseqüentemente com nosso desenvolvimento acadêmico.

## RESUMO

O presente trabalho é resultado das minhas angústias e inquietações enquanto moradora de comunidade quilombola e filha de professor também quilombola que desde a infância acompanha a trajetória árdua e desafiante do pai enquanto educador e percebe a educação na comunidade como direito negado, sendo que a realidade dos alunos e da própria comunidade não tem sido valorizado e levado em consideração no processo de ensino. O presente trabalho tem como objetivo geral realizar um panorama da educação na comunidade quilombola São Pedro no município de Castanhal - Pará. Para a construção do referente trabalho foram abordados autores como: Machado (2014); Teixeira (2014); Amaral (2008, 2014), Gloria Moura, dentre outros. Foram utilizados também documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola (2012), o Plano Nacional de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico – Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2013) e outros. O instrumento utilizado para coletar os dados em campo e assim alcançar os objetivos da pesquisa foi a entrevista, caracterizando ao trabalho uma abordagem de cunho qualitativo. Por meio das análises dos dados coletados foi possível detectar que a educação enquanto direito tem sido negado aos alunos e conseqüentemente moradores da comunidade São Pedro, pois a educação escolar efetivada na comunidade não ressalta as particularidades dos alunos e do território quilombola. Essa realidade é resultado da ausência de políticas públicas na comunidade e também da falta de reconhecimento de alguns moradores que não valorizam suas origens, desconhecendo seus direitos.

Palavras-chave: Educação. Comunidade quilombola. Educação quilombola.

## ABSTRACT

The present work is the result of my anxieties and anxieties as a quilombola community resident and the daughter of a quilombola teacher who, since childhood, has followed the arduous and challenging trajectory of the father as an educator and perceives education in the community as a denied right. students and the community itself has not been valued and taken into account in the teaching process. The present work has as general objective to carry out a panorama of the education in the quilombola community of São Pedro in the municipality of Castanhal - Pará. For the construction of the reference work authors were approached as: Machado (2014); Teixeira (2014); Amaral (2008, 2014), Gloria Moura, among others. Documents such as the National Curricular Guidelines for Quilombola Education (2012), the National Plan for the Implementation of the National Curricular Guidelines for the Education of Ethnic and Race Relations and for the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture (2013) and others. The instrument used to collect the data in the field and thus reach the objectives of the research was the interview, characterizing to the work a qualitative approach. Through the analyzes of the collected data it was possible to detect that education as a right has been denied to the students and consequently residents of the São Pedro community, since the school education carried out in the community does not emphasize the peculiarities of the students and the quilombola territory. This reality is a result of the absence of public policies in the community and also of the lack of recognition of some residents who do not value their origins, ignoring their rights.

Keywords: Education. Quilombola community. Quilombola education.

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>SEÇÃO I: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>13</b>
1.1 O RESSOAR DAS MEMÓRIAS DE UMA QUILOMBOLA.....	16
1.2 EDUCAÇÃO QUILOMBOLA-FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE SÃO PEDRO, EM CASTANHAL – PÁ.....	19
1.3 HISTÓRICO DA ESCOLA FERNANDO NUNES RODRIGUES .....	25
<b>SEÇÃO II: REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>29</b>
2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA .....	31
2.2 EDUCAÇÃO QUILOMBOLA .....	35
2.3 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA .....	38
<b>SEÇÃO III: RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>46</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>62</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>72</b>

## **INTRODUÇÃO**

Vivemos em um país pluricultural, construído por meio da contribuição de diversos povos originários e de outros que chegaram nesse território ainda em meados do século XVI com início da colonização no país.

Como integrantes da diversidade brasileira o povo negro que desde sua existência luta por liberdade e reconhecimento de direitos, isso por conta de terem sido submetidos a escravidão, condição que resultou na inferioridade do negro na sociedade.

Muitos são os desafios enfrentados pelo povo negro, pois este tem que lutar incansavelmente por direitos que por anos lhes foram negados, dentre esses o direito a uma educação de qualidade.

As comunidades quilombolas atuais são resultado da resistência e luta do povo negro por liberdade, porém apesar das muitas conquistas muitos ainda são os problemas, pois é necessário que a educação escolar desenvolvida nos territórios quilombolas levem em consideração o histórico de lutas do povo negro.

A educação escolar desenvolvida nos territórios quilombolas não tem respeitado a especificidade dos alunos enquanto tais, sendo que o ensino desenvolvido não ressalta as características e particularidades do povo negro e mais diretamente das comunidades.

Enquanto moradora de uma comunidade quilombola e filha de um professor também quilombola percebo que o direito a uma educação que respeite e ressalte nossas origens e história tem sido nos negado, pois na escola da comunidade onde resido que é também lócus desta pesquisa o ensino não é de acordo com a realidade de alunos descendentes de quilombos.

Compreendo que o ensino deve partir da realidade do aluno, assim sendo, o ensino desenvolvido em escolas quilombolas ou localizadas neste espaço deve desenvolver-se a partir da realidade desses territórios e de seus descendentes.

Por meio dessa compreensão elaborei a seguinte interrogação: como está efetivada a educação na comunidade quilombola São Pedro a partir da escola Fernando Nunes Rodrigues?

Essa inquietação deu forma ao objetivo geral deste trabalho que é realizar um panorama da educação na comunidade quilombola São Pedro no município de Castanhal - Pará.

Como objetivos específicos do presente trabalho constam: Mapear os processos de formação de estabelecimento da educação na comunidade quilombola São Pedro;

caracterizar o processo educativo no quilombo; e analisar o contexto da educação do quilombo.

Muitos são os problemas e dificuldades enfrentados pelas comunidades quilombolas em relação a educação, pois os espaços escolares situados em território quilombola necessitam de docentes conhecedores da realidade dos alunos, capacitados para trabalharem e lidarem com as características, costumes e tradições desse povo, ou seja, a partir e de acordo com a realidade deles, pois “Hoje, jovens e crianças precisam ser educados, educados pela própria história, presente e passada (NUNES, 2006, p. 358).

Os desafios em relação a educação em comunidades quilombolas puderam ser percebidos por mim em duas comunidades, sendo uma a comunidade São Pedro na zona rural do município de Castanhal, na qual a pesquisa se realizou e também da qual sou oriunda e a outra é a de Petimandeuca localizada na zona rural do município de Inhangapi, porém esses desafios só puderam ser compreendidos por mim hoje enquanto acadêmica.

Essa vivência sem compreensão iniciou-se no início dos anos 2000, época em que meu pai era docente na comunidade de Petimandeuca e eu era apenas uma criança, sendo que nossa comunidade pertencia ao município de Inhangapi nesse período, portanto, os alunos pertencentes à nossa comunidade estudavam em Petimandeuca, ressaltando que eu era uma dessas alunas, pois fui alfabetizada pelo meu pai, eu e mais uma grande parcela dos meus primos.

Hoje, enquanto acadêmica, com uma visão mais ampla e crítica lembro-me desse período, sendo que nos dias atuais ainda acompanho a trajetória profissional do meu pai, porém agora na nossa comunidade e compreendo as dificuldades por ele enfrentadas enquanto professor de uma escola localizada dentro de território quilombola. E essa compreensão me fez perceber inúmeras dificuldades, pois são escolas abandonadas pelas secretarias de educação, tanto do município de Inhangapi quanto de Castanhal, que falta merenda escolar, funcionários de apoio, materiais didáticos e pedagógicos, com estruturas comprometidas e etc. Na escola de petimandeuca e também na Fernando Nunes Rodrigues acerca de quase dois anos era minha mãe quem preparava o lanche, isso sem ganhar um centavo, mas no intuito de ajudar o meu pai que já era responsável por tantas tarefas e contribuir com a qualidade de vida e do ensino das crianças das comunidades, pois sabemos que criança com fome é bem difícil de aprender.

Meu pai, enquanto professor, realizava variadas atividades as quais nem sempre eram de sua responsabilidade, na realidade ele era o diretor, coordenador, o zelador,

merendeiro, enfim ele era o faz tudo e resolve tudo. E quando iniciou suas atividades na escola da comunidade, ou seja, na escola pesquisada tudo aconteceu da mesma forma que na de Petimandeuca, sendo que atualmente muita coisa melhorou, porém é notório que há ainda muitas necessidades e dificuldades.

Portanto, por conta de todas essas vivências decidi realizar a presente pesquisa, pois acredito ser importante dá voz a esses professores, permitir que expressem suas angustias, carências. Enfim, acompanho o dia a dia do meu pai, mas não sei o que ele sente com relação a tudo que vive; o que lhe incomoda, e os outros professores, com os quais não tenho contato, como é essa experiência para eles, já que vem de outros lugares para atuarem na escola.

Enquanto filha da comunidade e acadêmica, acredito ser o meu dever conhecer e partilhar esse conhecimento sobre a educação que tem sido efetivada na comunidade quilombola São Pedro com a academia e a sociedade em si, pois são grupos com características específicas que tiveram por muito tempo seus direitos negados e que carregam consigo ainda hoje aspectos negativos por conta da condição imposta ao seu povo.

Sendo assim os desafios enfrentados pelas comunidades quilombolas são resultados das diferenças de classes existentes na sociedade, onde determinados grupos são subordinados a outros, porém devemos lutar para que essas diferenças sejam superadas e todos tenham direitos iguais.

Portanto, por intermédio dessa pesquisa busquei saber como está a educação na comunidade quilombola São Pedro a partir da escola Fernando Nunes Rodrigues, podendo assim conhecer e preparar-me melhor, pois como futura educadora devo preparar-me caso no futuro venha atuar na comunidade. E também conscientizar as pessoas de que precisamos estar preparados para lidar com os diferentes grupos existentes em nossa sociedade, principalmente enquanto educadores.

O presente trabalho está organizado em três seções, sendo que a primeira é composta pela metodologia do trabalho. Nesta seção trago as motivações pessoais que me levaram a construir este trabalho, a descrição do local, dos sujeitos e os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa.

Na segunda seção é apresentada o referencial teórico os quais nortearam a realização da pesquisa.

A terceira e última seção traz os resultados e a análise dos dados coletados.

## **SEÇÃO 1: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, LÓCUS E SUJEITOS DA PESQUISA**

Para a construção deste trabalho foram realizados levantamentos bibliográficos e documentais no intuito de buscar informações precisas e autores renomados que discutem os assuntos aqui abordados, sendo que também foi realizada uma pesquisa em campo.

A pesquisa de campo foi realizada na escola quilombola municipal de ensino fundamental Fernando Nunes Rodrigues, localizada na zona rural do Município de Castanhal no nordeste do estado Pará. Cidade que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), tem uma população estimada de 184.784 habitantes, localizada a aproximadamente a 65 km da capital Belém (CASTANHAL, 2015).

A escola foi escolhida devido está localizada em uma comunidade Quilombola e por ser também reconhecida como uma escola quilombola. A mesma está localizada na comunidade São Pedro na Zona Rural do município de Castanhal a aproximadamente 20 km da zona urbana.

A comunidade São Pedro para além de ser o local onde a escola pesquisada está localizada é também o meu lugar de pertencimento, onde nasci, cresci e resido até hoje, de onde jamais pretendo sair, pois apesar das dificuldades sou feliz e orgulhosa em pertencer a esse espaço chamado quilombo São Pedro.

Assim sendo, uma das motivações para a realização deste trabalho é o meu pertencimento à comunidade, pois como filha e moradora da mesma me sentir responsável por contar um pouco da história do meu lugar as outras pessoas, sendo estas do meio acadêmico ou não.

Participaram da pesquisa cinco professores dos anos iniciais da escola Fernando Nunes Rodrigues. O critério para seleção dos docentes levou em consideração o seguinte requisito: professores que atuam diretamente em sala de aula com os alunos, ou seja, aqueles que participam de forma direta e ativa do processo de ensino aprendizagem.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, a qual segundo Santos Filho (2007) é aquela que tem o foco em investigar os conhecimentos individuais adquiridos ao longo da vida, o modo de pensar de cada um, procura investigar como são construídas as significâncias desses conhecimentos. Sendo assim, por meio desta abordagem é possível

capturar o modo de pensar, agir e ver as coisas, ou seja, é uma forma de pesquisar o subjetivo de cada pessoa.

A seguinte abordagem foi de grande relevância para o desenvolvimento da presente pesquisa já que me ajudou a perceber que os resultados dos dados coletados dependem e variam de acordo com os participantes, pois cada pessoa tem sua maneira de ver, fazer e sentir as coisas.

Os dados coletados foram analisados qualitativamente, podendo assim dá autenticidade ao saber adquirido em relação ao objeto de estudo, pois por intermédio desta abordagem o pesquisador visa conhecer e entender a experiência individual dos sujeitos em relação ao objeto em estudo (SANTOS FILHO, 2007).

As informações coletadas foram avaliadas de acordo com o objetivo da pesquisa levando em consideração a experiência e subjetividade de cada professor em relação ao assunto pesquisado, pois somos todos seres humanos, porém nos distinguimos uns dos outros por conta de nossa forma de pensar, sentir e expressar.

Como método para coletar dados foi utilizado a pesquisa de campo, a qual segundo Severino (2007) é aquela em que o pesquisador vai ao encontro de seu tema de estudo, ou seja, no local em que o mesmo está inserido. E este colhe os dados da maneira em que lhe foram informados, sem interferência e manipulação de sua parte.

Conforme Severino, a pesquisa de campo se caracteriza quando o indivíduo responsável pelo desenvolvimento da pesquisa sai do espaço no qual está inserido e vai até o local do seu objeto de estudo e absorve os dados de forma direta e ativa.

A utilização do referido método trouxe qualidade e significado para a pesquisa, pois para além das leituras realizadas no intuito de obter conhecimento sobre o objeto pesquisado nada foi mais esclarecedor e significativa que as informações obtidas por meio dos próprios sujeitos da pesquisa os quais também são objetos de estudo da mesma.

Foram utilizados referenciais bibliográficos e documentais como livros, artigos, dissertações, revistas, etc. os quais contribuíram significativamente com a organização, desenvolvimento e qualidade da pesquisa. Sendo que também foram significativos para a construção das análises, portanto fundamentais na execução de todo o trabalho.

Os dados foram coletados com o apoio de entrevistas, que segundo Severino (2007) é o recurso por meio do qual os dados são coletados pessoalmente com os participantes da pesquisa, permitindo a estes a liberdade de exporem seus conhecimentos, pensamentos e sentimentos. Com o uso desse recurso foi possível obter, na coleta de

dados, informações precisas e relevantes que contribuíram significativamente com o resultado e qualidade da pesquisa.

O contato inicial com os professores da escola pesquisada para falar sobre a realização da pesquisa e os objetivos da mesma ocorreu em data anterior a realização das entrevistas, porém em locais, datas e horários diferentes, dependendo da presença dos docentes na escola e da disponibilidade dos mesmos.

Isto ocorreu por conta da maioria dos docentes serem horistas e não estarem na escola diariamente, sendo que somente um é residente e oriundo da comunidade, enquanto que os demais são de outras localidades.

Assim sendo, tem professores que ministram aula na escola somente uma vez por semana e outros somente uma vez por mês, isso devido serem professores hora aula e também por conta do acesso até a escola, porém no dia em que ministram aula atendem turmas nos dois turnos manhã e tarde, sendo que a aula ministrada pelo professor que está na escola apenas uma vez no mês é referente ao mês inteiro.

Depois de ter esclarecido os motivos que me levaram a realizar a pesquisa, os critérios e forma de participação voluntária e que poderia desistir a qualquer momento, interroguei os professores sobre o interesse em participar da presente pesquisa.

Nesse primeiro contato, já foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) aos participantes da pesquisa, ao qual foi devidamente lido, explicado e assinado pelos docentes participantes da pesquisa e pelo pesquisador responsável pela mesma. O TCLE é importante, para que se possa ser atestado o devido consentimento dos mesmos em relação à entrevista, ou seja, referente a participação na pesquisa.

Todas as informações foram esclarecidas para os participantes antes da realização da pesquisa podendo assim garantir que todos os procedimentos éticos foram devidamente respeitados, pois os procedimentos éticos são todas as informações da pesquisa direcionadas aos participantes da mesma, sendo que devem saber quais os riscos, as vantagens, desvantagens que a mesma oferece, ou seja, é quando o pesquisado realmente sabe acerca do que trata a pesquisa, quais os objetivos, etc. (COZBY, 2006).

Portanto, nesse primeiro contato após ter explicado aos professores os procedimentos e objetivos da pesquisa, leitura e assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) já foi marcado o dia e horário para a realização das entrevistas, de acordo com a disponibilidade de cada professor, nos horários e locais propícios a cada um.

### **1.1. O RESSOAR DAS MEMÓRIAS DE UMA QUILOMBOLA**

Lembro com a alegria de minha infância, época da qual tenho tantas saudades, pois os banhos de igarapés junto de meus primos eram tão gostosos e divertidos, porém também perturbadores para alguns, pois mães, tias, avós, primas, enfim as donas de casa realizavam atividades como lavar roupas, louças, banhos e preparo de alimentos como frango, peixe, caças, etc. sendo que nós, enquanto crianças, não nos importávamos com isso; tudo que queríamos era pular na água, pular na água era o que as nossas mães e as demais mulheres nos diziam enquanto tomávamos banho. Para elas tudo o que fazíamos era sujar a água e atrapalhar nas atividades por elas desenvolvidas, mas mesmo por debaixo de esculhambação não desistíamos dos nossos banhos e brincadeiras de piras dentro da água.

Recordo de ir para a roça junto com meu pai, minha mãe e meus irmãos plantar maniva, feijão, melancia, milho, mesmo às vezes por baixo do sol quente, eram atividades leves, porém às vezes cansativas por conta do sol forte. Após o plantio, depois de alguns meses vinha a colheita e o que mais colhíamos era a mandioca. O meu pai arrancava a mandioca junto com a minha mãe e nós crianças ajudávamos na rapação, ou seja, tirar a casca da mesma, sendo que boa parte dos moradores da comunidade se juntavam no retiro, local onde a farinha é feita para ajudar no processo de rapação da mandioca para o preparo desta. Enquanto os adultos conversavam no mutirão descascando a mandioca, nós brincávamos, conversávamos e também descascávamos a mesma. Até hoje uma das coisas que mais gosto de fazer referente a roça é raspar mandioca, pois foi uma atividade que aprendi ainda muito pequena, e lembro dos meus pais e minha avó paterna dizerem o quão ligeira eu era no processo de raspção.

Ainda na infância no começo da trajetória escolar, por volta do início dos anos 2000, eu e os meus primos estudávamos na comunidade de Petimandeuca no município de Inhangapi, sendo que meu Pai Fernando Feitosa era o professor da escola que também trabalhava na roça, principalmente no período das férias escolares. Para chegarmos até a escola andávamos a pé, sendo que a comunidade de Petimandeuca fica a uns três quilômetros da nossa, tinha ainda duas pontes para atravessar, quando chovia uma ponte saía do local impedindo nossa chegada até a escola. Nessa época o meu pai tinha apenas uma bicicleta que lhe servia de transporte para chegar a escola. Ele atuava nos dois turnos e praticamente não tinha tempo para vir em casa almoçar, passava o dia inteiro na escola e retornava somente depois de ministrar aula no turno da tarde.

A escola de Petimendeua não tinha servente, era minha mãe quem preparava a merenda e realizava a limpeza do espaço. Por muitas vezes papai trouxe a merenda pronta de casa, principalmente por falta de gás na escola, o sacrifício era enorme, mas para mim o divertido era brincar junto com os meus primos e os demais alunos. Algo marcante era quando juntava os dois turnos só num horário, brincávamos de queimada e outras brincadeiras depois da aula, isso geralmente acontecia as sextas-feiras ou em dias comemorativos. O retorno para casa é inesquecível, pois brincávamos da saída até a chegada. O banho nas duas pontes era certo.

No ano de 2001 quando as mães dos alunos da comunidade São Pedro foram a cidade de Inhangapi para realizarem o cadastro no Programa Bolsa Escola e foram questionadas sobre seu município de origem, informaram que havia duas pontes que ligavam os municípios de Castanhal e Inhangapi, sendo que a comunidade São Pedro está localizada após a ponte pertencente ao município de Castanhal, ou seja, estes concluíram que a comunidade não pertencia ao município de Inhangapi e sim a Castanhal (RODRIGUES, et al 2007).

Com a descoberta das autoridades de Inhangapi sobre o real pertencimento da nossa comunidade a Castanhal fomos desligados deste município no ano de 2002, meu pai foi demitido, todo esforço por parte dele jamais foi levado em consideração, não interessou as autoridades de Inhangapi os anos de dedicação em que ele foi bem mais do que professor dentro daquela instituição. Meu pai foi professor, servente, zelador, psicólogo, diretor, coordenador, etc.

Com a demissão do meu pai da escola de Petimandeua as coisas ficaram bem complicadas financeiramente na nossa casa, pois além de trabalhar na roça, que nos pertencia, meu pai começou a brocar e capinar para outras pessoas também, isso no intuito de garantir-nos sustento.

Com o desligamento da comunidade São Pedro do município de Inhangapi as coisas ficaram difíceis para todos os moradores da comunidade, pois não sabíamos a que município recorrer em busca de direitos como educação, saúde, etc., sendo que Inhangapi, dizia que pertencíamos a Castanhal, porém não tínhamos como provar que pertencíamos a este município, já que éramos eleitores do município de Inhangapi.

Porém Castanhal mesmo sem ter conhecimento sobre a existência e pertencimento da comunidade São Pedro como integrante do seu município acolheu os moradores, que

posteriormente realizaram a transferência de seus títulos, tornando-se eleitores desse município.

Já no ano de 2003 começamos a estudar no município de Castanhal, isso sem sermos reconhecidos enquanto cidadãos e eleitores do mesmo, agora tínhamos transporte escolar que nos conduzia até a escola Graziela Gabriel e São João Bosco para dentro da cidade de Castanhal. O ônibus as vezes quebrava por conta de suas condições e da estrada precária, porém mesmo com as dificuldades em relação ao transporte, horário de saída e chegada jamais era triste ir para a escola. Para mim o que incomodava era acordar 4:30, 5:00 horas da manhã e ainda ter que tomar banho no igarapé, pois naquele horário a água estava bastante fria, quase gelada, sendo que nosso retorno da escola só ocorria por volta de 1:00, 1:30 horas da tarde, algo que gerava cansaço e mal-estar.

Na escola Graziela Gabriel o que me incomodava era o tratamento por parte de alguns alunos, isso no auge do ensino fundamental e já no município de Castanhal, pois fui estudar neste município cheia de expectativas, pensando que seria tão bom estudar nessas escolas como era na de Petimandeuá município de Inhangapi, pensava nas brincadeiras que tínhamos com os colegas, porém me deparei com outra realidade, pois os companheiros de classe tiravam brincadeiras sem graça por conta de nossa cor de pele, de nossos comportamentos e até por morarmos na zona rural, porém nem mesmo essas atitudes me impediram de prosseguir nos estudos, pois sempre ouvir de papai e mamãe o quanto é importante estudar, até no intuito de obter uma vida melhor.

Já nos anos finais do ensino fundamental na escola municipal São João Bosco, continuei sofrendo discriminação e preconceito na escola, poucos professores tomavam atitude diante do comportamento dos colegas, com o corpo se desenvolvendo descobrir que estava com problemas de saúde. Com o passar do tempo pensei em desistir dos estudos por conta da doença, porém meus pais e algumas primas me aconselharam a jamais fazer isso, me deram força e com a graça de Deus persistir, mas foi um período muito difícil da minha vida, entretanto hoje lembro e percebo que de alguma forma essa experiência contribuiu com o meu crescimento enquanto pessoa.

O ensino médio na escola estadual Benício Lopes foi bem mais tranquilo e feliz, pois como já estava jovem, o amadurecimento chegando, já não tinha mais piadinhas de colegas, enfim foi um processo muito feliz.

No ano de 2012 concluir o ensino médio e realizei o Processo Seletivo Especial (PSE)<sup>1</sup> para quilombolas, entretanto não fui aprovada, pois não passei nem para a segunda fase.

Em 2013 passei o ano inteiro fazendo cursinho pré-vestibular no Grupo Mac em Castanhal e no final do ano realizei a prova do PSE novamente e desta vez fui aprovada, e não só para a segunda fase, mas conquistei uma vaga no curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) Campus Castanhal e assim realizei um dos meus maiores sonhos.

Hoje, na reta final do ensino superior lembro-me dessas vivências e com um conhecimento bem mais amplo o olhar já não é mais o mesmo, pois hoje compreendo as dificuldades enfrentadas pelo meu pai enquanto docente no município de Inhangapi e atualmente no município de Castanhal, mais precisamente na escola de nossa comunidade. Para mim e meus primos estarmos dentro da universidade hoje tivemos que enfrentar inúmeras dificuldades e entendo que meus pais estavam certos quando diziam que estudar é tudo na vida, pois o estudo me fez compreender o universo de outra forma e percebo que se estivesse desistido dos estudos na época em que descobrir que estava doente jamais estaria concluindo a graduação de nível superior.

Essa forma de compreender o mundo atualmente e a maneira de enxergar minhas vivências passadas foi o que me levou a construir o presente trabalho.

## **1.2. EDUCAÇÃO QUILOMBOLA – FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE DOS REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS SÃO PEDRO NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL – PA**

No ano de 1998 havia, no município de Castanhal-PA, povoados próximos por nomes de Salva-Terra, Ducarmo, Pedra Nova, Boa Sombra, Santa Rosa, Sibemó e Pau Grande. Nessa época não existia ramal ou estrada que desse acesso ao Município de Castanhal. Tínhamos que atravessar um espaço de 200 metros de igapó para chegar ao Quilombo mais próximo que era o Menino Jesus, atualmente conhecido como comunidade dos remanescentes de quilombos de petimandeu e assim chegar no km 4, 5 ou 9 da rodovia Castanhal-Inhangapi.

---

<sup>1</sup>Processo Seletivo Especial (PSE) para indígenas e quilombolas da Universidade Federal do Pará aprovado no ano de 2012 através da resolução nº 4.309 (SANTOS 2015).

No meado do ano 2000 já com algumas pessoas da comunidade São Pedro cursando o ensino médio, começamos a nos organizar, realizamos reuniões, em busca de resgatar nossas origens, e a nossa cultura. Uma vez que, nesse tempo todas as 40 famílias que formavam a comunidade São Pedro eram parentes e tinham uma única história de seus ancestrais, a de terem sido escravizados, ou seja, éramos descendentes de negros que foram escravizados.

Nesse período os moradores da comunidade São Pedro começaram a se organizar e perceber as dificuldades que enfrentavam como: Falta de posto médico, abastecimento de água e escola, pois as crianças tinham que andar de 3 a 5 (três a cinco) quilômetros para estudar na escola que ficava mais próxima, no caso na comunidade de Petimandeuá. Assim sendo, a comunidade se mobilizou para reivindicar seus direitos recorrendo aos órgãos competentes, como: INCRA, ITERPA, EMATER, MALUNGO, CEDENPA, PROGRAMA RAIZES, FUNDAÇÃO CURRO VELHO E FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES (PPP FERNANDO NUNES, 2016).

De acordo com dados coletados na Comunidade dos Remanescentes de Quilombolas São Pedro por alunos do quarto ano do ensino fundamental e pelo professor Fernando Feitosa Rodrigues (ambos sujeitos da escola pesquisada) junto aos moradores mais antigos da referida comunidade no ano de 2007, esta comunidade originou-se com a “fuga” de alguns negros africanos da chamada “casa grande “da dona Ana Maria na busca por liberdade. Entre os negros “foragidos” estavam Emiliano, Senhor Boa Sombra, João Pereira, Minervino, Maria da Conceição (tia Cota), Simão, Murilo Poutes, Duquinho e Coimbra (GUSMÃO, COLARES, 2006). Onde cada um dos africanos se fixaram em determinado local, dando a este o nome de sítio e usando o seu próprio nome para denominar o mesmo, sendo assim a atual comunidade dos Remanescentes de Quilombola São Pedro na época era designada Sítio Boa Sombra, por conta de este ser o nome do patriarca que havia sido escravizado (RODRIGUES et al, 2007).

Os sítios ou loteamento foram surgindo de acordo com o nome do mais velho da família, os escravizados patriarcas e matriarcas herdeiros eram, Sr. Emiliano, Sr. Boa Sombra, Sr. João Pereira, Sr. Minervino, Sr.ª Maria da Conceição (conhecida por vó Cota), primeira parteira da comunidade, Sr. Simão, Sr. Dorico Pontes, Sr. Duquinha e Sr. Coimbra. Estes viviam e trabalhavam em suas próprias terras (Depoimentos de Francisca Oliveira Gusmão “mãe” Chica; Luiz Colares “pai” Lili e Alfo Pontes).

Ainda de acordo com relato de Francisca Oliveira Gusmão, Luiz Colares e Alfo Pontes, essas famílias foram se expandindo, de forma que os mesmos se uniram em matrimônio tornando-se um grande grupo

de pessoas, formando uma grande comunidade, visto que a cultura afro-brasileira se fortaleceu, favorecendo a luta pela causa da igualdade (RODRIGUES; RODRIGUES, 2015, P.11 e 12).

Com o passar dos anos e a união dos moradores em matrimônio o povoamento no lugar foi se expandindo, tendo na produção e no plantio da mandioca, na colheita da castanha do Pará, do açaí, da retirada de cipó e do guarumã suas principais fontes de subsistência.

A economia interna nessa comunidade é alimentada pela venda de frutos coletados na floresta ou sítio: castanha, uxi, piquiá, marí, dentre outros, cultivo da mandioca e de seus derivados. Todo produzido e coletado nessa comunidade constitui um perfil de economia de subsistência, onde o excedente é comercializado com as comunidades vizinhas ou até mesmo, no centro urbano mais próximo (RODRIGUES; RODRIGUES, 2015)

As famílias se alimentam de produtos agrícolas produzidos na própria comunidade e também de produtos industrializados comprados na cidade, sendo a produção da farinha de mandioca e colheita de frutíferas e açaí suas principais fontes de subsistência (REIS, 2006).

Com o crescimento da comunidade e o passar dos anos foi realizada uma reunião na casa do morador Pedro Cirilo Rodrigues, atual patriarca da referida comunidade, sendo a mesma reunião dos moradores e da atual Associação dos Remanescentes de Quilombola São Pedro. Nessa época a comunidade ainda não era denominada como Quilombo São Pedro e sim como Vila Bacuri, sendo que passou a designar-se como Comunidade Quilombola São Pedro a partir da realização da referida reunião na qual os moradores começaram a se organizar enquanto comunidade quilombola, formando assim a Associação dos Remanescentes de Quilombolas São Pedro, pois os moradores no intuito de serem reconhecidos como cidadãos castanhalenses assim se organizaram. A Associação dos remanescentes de Quilombolas São Pedro foi fundada no dia 13 de maio de 2005 (RODRIGUES et al, 2007).

A organização de associações quilombolas é essencial para as comunidades serem reconhecidas e tituladas como comunidades quilombolas, podendo assim serem contempladas pelas conquistas constitucionais, de 1988. A formação de associações em comunidades quilombolas é um meio de reconhecimento e obtenção de direitos dessas comunidades. Vale ressaltar que a referida reunião contou com a participação da Empresa

Municipal de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) (RODRIGUES et al, 2007).

A luta dos moradores da comunidade era a de serem reconhecidos como descendentes de quilombolas, pois mesmo antes de serem reconhecidos oficialmente como descendentes de quilombolas os moradores da referida comunidade já se reconheciam e se identificavam como tal, e por conta de assumirem e reconhecerem essa identidade é que os moradores lutavam por reconhecimento perante a sociedade, sendo assim os moradores buscaram parcerias com outras comunidades como a de Itaboca, Cacoal e Quatro Bocas e a de Petimandeuca, ambas na época em busca de reconhecimento como descendentes de quilombolas, por isso a organização da reunião acima citada (RODRIGUES, et al 2007).

Em 2004, nos meses de janeiro e fevereiro em reunião dos produtores na também denominada Agrovila do Bacuri, vilarejo vizinho, o prof. Fernando Feitosa, o senhor Edson Feitosa e Zaqueu Feitosa ambos representantes da comunidade Quilombola São Pedro, conheceram e reuniram-se com o senhor Dr. Emídio José Rebelo que era presidente do jornal Independente e Advogado da prefeitura de Castanhal na época, sendo este também morador do Sítio do Pica-pau Vermelho no Ramal Bacuri. Após ouvir dos representantes acerca da história e dos anseios da comunidade, este assumiu a responsabilidade perante a mesma de trazer jornalistas do jornal Independente de Castanhal para que os mesmos organizassem uma reportagem acerca da história da comunidade, pois esta poderia contribuir para o reconhecimento da mesma perante o município de Castanhal e conseqüentemente como Comunidade constituída por descendentes de quilombolas no município (PPP FERNANDO NUNES, 2016).

Desse modo, a comunidade lutava por reconhecimento perante o município de Castanhal devido ter sido desmembrada no ano de 2002 do município de Inhangapi a qual pertencia, por conta de autoridades de Inhangapi descobrirem que a localidade de São Pedro não pertencia aquele município e sim a Castanhal. Nesse mesmo ano, um microempresário que tinha uma empresa de ônibus, em reunião com a comunidade se propôs a abrir ramal que daria acesso a cidade do município de Castanhal, e assim os moradores de São Pedro poderiam escoar seus produtos, contar com o transporte coletivo para conduzir os moradores até a feira e assim venderem seus produtos e realizarem suas compras, e ainda garantir a entrada do transporte escolar para transportar os estudantes até as escolas do município (PPP FERNANDO NUNES, 2016).

Assim aconteceu, pois, o ramal foi aberto, a comunidade passou a ter acesso e transporte para se locomover até a zona urbana de Castanhal, sendo que antes por falta de estrada e outro meio de transporte, os moradores se transportavam de bicicletas até a cidade de Castanhal, transportando assim também suas mercadorias.

Voltando a luta da comunidade por reconhecimento, após poucos dias a promessa a qual o senhor Dr. Emídio havia feito, que era trazer jornalistas à comunidade para ouvir os moradores para organizar e narrar a história da comunidade São Pedro para toda a sociedade, principalmente a sociedade castanhalense, se cumpriu. Os jornalistas vieram, ouviram os moradores, tiraram fotos, enfim foi uma grande conquista da comunidade, pois sabíamos que a partir daquele momento, da realização da “reportagem” nossa história iria mudar (REIS, 2006).

Os dias se passaram e nós enquanto moradores não víamos a hora de receber a revista com a reportagem pronta, o anseio da nossa comunidade pelo seu reconhecimento e pertencimento era indescritível. Sendo que a resposta não tardou em chegar, pois a comunidade dos Remanescentes de Quilombola São Pedro recebeu do jornal *Independência* a revista na qual continha a reportagem referente a história e reconhecimento da comunidade enquanto comunidade quilombola oriunda e pertencente ao município de Castanhal, sendo que utilizaram como título dessa reportagem a frase “A colônia Quilombola que Castanhal não conhecia” (*Reportagem disponível no anexo 1 deste trabalho*).

Em resposta aos nossos anseios e de nossos companheiros de luta no ano de 2004 saiu no Diário Oficial da União n. 43, no dia 04 de março de 2004, a publicação da certidão de reconhecimento Quilombola da Comunidade São Pedro, Castanhal.

Para que um quilombo receba sua certificação é necessário que seu grupo étnico tenha vivência relacionada às terras que ocupam, território, ancestralidade, e as tradições e práticas culturais. O interesse pela preservação desse patrimônio assegura a eles condições específicas de potencialização de sua capacidade autônoma, desenvolvimento econômico, valorização da cultura e a garantia de seus direitos territoriais (RODRIGUES; RODRIGUES, 2015, p. 9). *Certidão (cf anexo 2)*

Conforme os autores Rodrigues e Rodrigues, a comunidade foi reconhecida como descendente de quilombolas devido apresentar história, memória, traços e laços os quais lhes conferem tal identidade, sendo que demonstram e reforçam os mesmos por meio de sua cultura, costumes e valores.

A comunidade dos Remanescentes de Quilombolas São Pedro é constituída por aproximadamente 60 famílias agricultoras, isso de acordo com o atual presidente da Associação da Comunidade dos Remanescentes de Quilombola São Pedro o senhor Edson Feitosa, que sobrevivem da agricultura familiar. As famílias se organizam a partir dos conhecimentos transmitidos/adquiridos através de seus antepassados, no cultivo da mandioca, macaxeira, da extração do açaí, da castanha do Pará, da caça, da pesca e da coleta das frutas. A comunidade está localizada na Zona Rural do município de Castanhal a 16 km da sede do município, ou seja, da cidade de Castanhal no nordeste do estado do Pará (REIS, 2006).

Na comunidade as religiões predominantes são o evangelismo, catolicismo e o candomblé, porém a mais influente é o evangelismo, sendo que a maior parte dos moradores da comunidade é protestantes, fator este que interfere diretamente nas decisões, comportamentos, atitudes e educação dos moradores da comunidade.

Muitos moradores embasados na religião acabam por não se assumirem enquanto quilombolas, deixando de reivindicar assim uma educação que valorize as origens do seu povo e conseqüentemente de seus filhos, pois muitos veem certos costumes da cultura negra de maneira preconceituosa, como algo pecaminoso, sendo que acabam transmitindo esse olhar para seus filhos.

Em relação a hidrografia, a comunidade conta com três igarapés que a interliga às comunidades vizinhas, sendo eles: Petimandeuá, Bacuri e Açú, os mesmos são utilizados para a realização da pesca entre os moradores.

Os moradores da Comunidade Quilombola São Pedro utilizam água retirada da cacimba (pequena poça de água formada por olheiros que provocam o fluxo da água) para beber e preparar seus alimentos, sendo que com a construção do prédio escolar muitos moradores passaram a utilizar a água do poço artesiano da escola, isso no caso dos moradores que moram mais próximo do prédio escolar. Para a realização de atividades como tomar banho, lavar roupas e louças é utilizado a água do igarapé, pois os mesmos já contam com tabuas largas as quais contribuem no processo de lavagem de roupas e louças (REIS, 2006; RODRIGUES et al 2007).

Não há coleta de lixo na comunidade, nem rede de esgoto, a maioria dos moradores não possui banheiros e sim privada em sua casa para realizar suas necessidades fisiológicas. Vale assinalar que algumas pessoas da comunidade trabalham na cidade e são assalariados, outros aposentados.

### **1.3. HISTÓRICO DA ESCOLA QUILOMBOLA FERNANDO NUNES RODRIGUES**

De acordo com Rodrigues, et al (2007) no ano de 2003 a Comunidade dos Remanescentes de Quilombola São Pedro foi desmembrada do Município de Inhangapi por conta de autoridades do mesmo terem descoberto que o território de São Pedro não pertencia aquele município e sim a Castanhal, sendo que a partir disso os alunos pertencentes a comunidade que estudavam nas escolas do município de Inhangapi passaram a estudar no município de Castanhal nas escolas municipais de ensino fundamental Paulo Freire e Graziela Gabriel (RODRIGUES et al 2007; PPP, 2016).

Passado esse momento, no ano de 2004 em reunião na comunidade Quilombola São Pedro já após a realização da reportagem, os moradores da comunidade falaram das dificuldades que as crianças estavam enfrentando com o horário de saída e chegada do transporte escolar, sendo que algumas crianças não davam conta de chegar até o meio do ano letivo por conta das dificuldades enfrentadas, comprometendo seu futuro escolar e seu desenvolvimento educacional, pois o intuito da comunidade agora após o reconhecimento perante o município era a construção de uma escola na própria localidade, para que assim os alunos pudessem estudar sem precisar se locomover até comunidades vizinhas ou até mesmo a cidade de Castanhal (PPP FERNANDO NUNES, 2016).

Estava novamente presente o senhor Dr. Emídio José Rebelo, que ouvindo tais dificuldades se comprometeu em levar os pais dos alunos e os demais representantes da comunidade para falar com o prefeito do município de Castanhal, na época o senhor Hélio Leite.

Sendo assim neste mesmo ano a Comunidade dos Remanescentes de Quilombola São Pedro solicitou junto ao poder municipal a liberação para o funcionamento de uma sala de aula na comunidade, mas esse pedido só foi atendido no ano de 2006, quando os moradores da referida comunidade provaram ser de fato eleitores do município de castanhal (RODRIGUES et al, 2007).

No dia 15.03.2006 passou a funcionar no prédio da Igreja evangélica da Assembleia de Deus da comunidade uma sala de aula, sendo que pertencia a Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire da agrovila Cupiúba. A sala funciona nos turnos manhã e tarde, sendo que no primeiro turno atendia as turmas de 1ª e 2ª series, e o no segundo turmas de 3ª e 4ª series. O professor que desenvolvia o ensino nos dois turnos

era o Fernando Feitosa Rodrigues, sendo que o mesmo é oriundo e residente na comunidade (RODRIGUES et al, 2007).

Para que a escola pudesse funcionar na comunidade foi necessário a comunidade se responsabilizar durante o prazo de um ano por realizar atividades como: fazer a merenda dos alunos, ajudar o professor na limpeza do espaço, dentre outras atividades (RODRIGUES et al, 2007). Nesse período o nome da escola era comunidade São Pedro o mesmo nome do local.

Já no ano de 2009 a prefeitura municipal de Castanhal entregou o prédio escolar aos moradores da comunidade, sendo que com a construção e entrega do mesmo deixou de ser uma sala da escola Paulo Freire e passou ser de fato uma escola anexa a instituição de ensino Paulo Freire.

De acordo com os moradores da comunidade no ano de 2008 o senhor Luís Paiva, secretário de educação do município de Castanhal na época, realizou uma reunião na própria localidade para nomeação definitiva da escola. A escolha ocorreu por meio de votação, sendo que três nomes foram sugeridos pela comunidade, os mesmos foram Fernando Nunes Rodrigues, Zumbi dos Palmares e São Pedro. Porém o nome Fernando Nunes Rodrigues foi escolhido e aprovado pelos moradores e também pelo poder legislativo do município de Castanhal. Fernando Nunes Rodrigues foi morador e um dos pioneiros na comunidade dos Remanescentes de Quilombola São Pedro. O terreno doado para a escola foi cedido pela comunidade, também foi discutido em reunião a extensão da área a qual seria doada, cerca de 50 metros quadrados (RODRIGUES et al 2007; PPP, 2016).

No ato da entrega do prédio escolar para a comunidade o gestor municipal, na época o senhor Hélio Leite junto ao secretário de Educação, o senhor Luís Paiva e os demais integrantes da prefeitura de Castanhal pregaram a placa a qual designava e identificava a escola como uma escola quilombola.

No ano de 2010 a comunidade conseguiu a contratação de uma servente, junto a prefeitura de Castanhal, que a partir desse passou a contar com o apoio de Maria Conceição Sousa Rodrigues e do vigia Edson Feitosa Rodrigues, ambos moradores da própria comunidade, sendo que o vigia é concursado no município e atuava em uma comunidade vizinha, porém com a construção da escola o mesmo conseguiu a transferência para sua comunidade de origem (RODRIGUES et al, 2007).

Em 2014 na gestão municipal do senhor Paulo Sérgio Rodrigues Titan, a escola foi reformada, sendo que com a reforma a placa que identificava a escola como quilombola, colocada pela gestão anterior, foi retirada. A escola foi reinaugurada no dia 17 de novembro do mesmo ano, porém a placa anexada após a reforma não identifica o prédio da escola Fernando Nunes como quilombola. Isso pode ser explicado por conta do secretário de educação atuante na época, o senhor professor Nélio Amorim Silva ser um cidadão evangélico, sem interesse nas questões étnicas raciais e quilombola.

**Imagem da placa da escola Fernando Nunes Rodrigues após a reforma no ano de 2014**



Fonte: Trabalho de campo, Rodrigues 2018.

Atualmente na escola Fernando Nunes Rodrigues funciona uma turma de Educação infantil, no turno da manhã e o ensino fundamental atende alunos do 1º ao 5º anos do ensino fundamental em turmas multisseriadas, estas são caracterizadas por possuir vários alunos com séries e idades distintas, sendo que apenas um professor é responsável pelo desenvolvimento do ensino (HAGE, 2014). No turno da manhã a escola recebe 19

alunos, já no turno da tarde são apenas 9 somando assim um total de 28 alunos no ano de 2018.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Nunes Rodrigues está situada na Comunidade Quilombola São Pedro rua principal s/n, zona rural. O prédio conta com uma sala de aula, uma secretaria, uma copa, tem uma sala de leitura, dois banheiros sendo que o banheiro masculino é adaptado para atender pessoas com deficiências físicas, um refeitório, dois depósitos sendo um de merenda e um de matérias de limpeza.

## SEÇÃO II: REFERENCIAL TEÓRICO

A educação nos dias atuais caminha entre conquistas, perspectivas e desafios, pois ter acesso à educação, principalmente de qualidade não é mérito de todos, sendo que o desenvolvimento de uma educação significativa não depende somente dos professores, pois muitos são os fatores que interferem no acesso e desenvolvimento de uma educação de qualidade, porém decisões a respeito necessitam ser tomadas, principalmente em relação aos professores que enfrentam inúmeras dificuldades para desenvolver uma boa educação.

Sabendo disso, o foco principal da presente pesquisa é os desafios da prática do ensino aprendizagem dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental e como uma das referências trago Libâneo (2001) que aborda acerca das inquietações e buscas, principalmente dos professores pedagogos e Paulo Freire (1996) que defende um ensino crítico, gerador de autonomia e senso crítico nos estudantes, dentre outros autores.

Como a pesquisa de campo foi desenvolvida em uma escola quilombola que também está localizada em uma comunidade de remanescentes de quilombolas, creio ser importante frisar o significado da palavra quilombo, pois Machado (2014, p. 26) a partir de pesquisadores como Munanga, Amaral e Flávio Gomes elaborou a seguinte concepção:

Quilombo são antigas comunidades negras rurais, com critério político-organizativo com vistas ao reconhecimento de suas terras, dando assim publicidade ao fator étnico, a história de resistência dessas comunidades, a luta pelo direito à terra e a construção política da identidade quilombola.

Ainda sobre o conceito de quilombo Machado (2014) acrescenta que as comunidades quilombolas são formadas por grupos sociais que se organizaram em sociedades “autônomas” e conservadoras de “tradições, costumes, crenças e valores que não se perderam ao longo dos tempos”.

Conforme Machado, quilombos são comunidades organizadas politicamente num dado território com o objetivo de serem reconhecidas como proprietárias do mesmo, enfatizando seus costumes, valores, sua história de luta e persistência, pois são comunidades que lutaram e resistiram a escravidão no intuito de obter a liberdade.

Teixeira (2014) ressalta que remanescentes quilombolas são populações que se definem e reforçam por meio de seus comportamentos relação de parentesco ou conhecimentos adquiridos com as antigas comunidades negras que viveram e resistiram à escravidão.

Comunidades quilombolas são caracterizadas pela valorização da cultura e dos costumes dos antepassados, que tem a terra como fonte e meios de sobrevivência, povos que lutam pela conquista e reconhecimento de seus direitos. São territórios ocupados por pessoas que descendem ou não de grupos negros que foram escravizados, porém que tem ciência de sua identidade e ressaltam a mesma por meio de suas vivências. Isso é explicado na citação abaixo, que diz que:

Quilombo são comunidades negras rurais, habitadas por descendentes, direto ou não, de escravos negros ou afrodescendentes os quais mantêm laços de parentescos, consanguíneo ou não, que vivem em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo, valorizam tradições culturais dos antecedentes passados, religiosas ou não, possuem histórias comuns, normas de pertencimento explícitas e consciência de sua identidade étnica ou de sua etnicidade (AMARAL, 2008, p.117).

Segundo Amaral comunidades quilombolas nem sempre são compostas por pessoas diretamente oriundas de negros que foram escravizados, pois os mesmos podem ser parentes de sangue ou não, sendo que se estabeleceram no território que vivem por meios de doações, compras ou ocupação, são povos que preservam os conhecimentos e costumes dos seus antepassados, sendo religiosos ou não.

A maneira como se organizam ou estão organizados os quilombos ou as comunidades remanescentes de quilombolas são diferentes entre si, pois cada comunidade tem sua particularidade e sua própria forma de organização (AMARAL, 2008).

Hoje, em pleno século XXI, a presença africana pode ser encontrada em todo o estado do Pará, pois boa parte dos municípios apresenta ao mundo dezenas de comunidades negras, sendo assim a tão reconhecida “Amazônia verde” pode ser também caracterizada ou denominada “Amazônia negra”, isso devido à enorme ênfase da “presença” negra (AMARAL, 2014).

O estado do Pará apresenta um crescente número de comunidades negras, quilombolas, enfim, pois independente da nomenclatura dessas comunidades o que prevalece indistintamente em todas é a presença do negro.

Dessa forma, estado do Pará é composto pela negritude e isso não está simplesmente na quantidade de territórios quilombolas que existem nesse estado, mas na cor da pele da maioria dos paraenses, nos costumes, na cultura e modo de viver desse povo.

Agora que já foi estabelecido o conceito de quilombo, comunidades quilombolas ou remanescentes de quilombos, isso devido a escola pesquisada localizar-se em uma comunidade quilombola, partiremos para a discussão a respeito da educação a qual tem sido desenvolvida no campo, pois sabemos que quilombolas não estão inseridos somente no campo, porém no caso da escola pesquisada a comunidade na qual a mesma está inserida localiza-se no meio rural, sendo assim é de extrema importância desenvolver discussão , e por isso é tema do próximo item.

## **2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA**

As populações do campo são povos carentes de políticas públicas que contemplem a diversidade cultural existente em nosso país, pois muitos e diferentes entre si são os grupos sociais e culturais que compõem o território brasileiro.

Dentre os diversos grupos e populações que compõem a nossa nação está o povo do campo, sendo que estes se diferenciam uns dos outros por conta do espaço, da cultura e dos costumes por eles adotados.

Dessa forma, as populações do campo são diversas e distintas entre si, porém cada lugar tem sua singularidade, sua particularidade, pois as pessoas, as culturas e os costumes se diferenciam e variam de uma comunidade para outra.

É importante que a escola leve em consideração a realidade do povo do campo, trabalhando a partir do contexto no qual os alunos estão inseridos, destacando assim a especificidade e identidade do aluno, fazendo com que ele se sinta parte da escola e protagonista do ensino. De acordo com Hage (2014, p.1168):

São designadas como populações do campo agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, trabalhadores rurais assalariados, quilombolas, caiçaras, povos da floresta, caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

Partindo, é necessário que se tenha no campo, escolas nas quais o ensino desenvolvido leve em consideração o espaço, a realidade e especificidade dos alunos que nele se encontram, pois conforme Pereira (2005) é necessário que essas particularidades sejam respeitadas e inclusas às políticas públicas e no projeto político – pedagógico da educação e das escolas do campo.

É necessário bem mais do que construir escolas no campo, mas é urgente criar instituições escolares a partir do campo, ou seja, que caracterizem a realidade vivida pelo povo do campo.

As comunidades quilombolas são um dos territórios que pertencem ao campo, sendo que os costumes e cultura dos moradores destas localidades são diferentes dos demais grupos que compõem o espaço do campo.

A educação desenvolvida nos territórios quilombolas não pode ser semelhante às demais sociedades do campo, por conta do pertencimento étnico, história e luta do povo negro, pois os quilombolas têm sua própria cultura, costumes, particularidades, e estas são lhes específicas.

Sousa et al (2016) ressalta que é necessário a implantação de políticas públicas que assegurem as populações do campo uma educação que leve em consideração o seu modo de viver e o lugar no qual residem, fazendo assim com que o aprendizado desenvolvido na escola tenha parceria com a experiência de vida adquirida no campo e “um estreito compromisso político” com as pessoas pertencentes a este espaço.

O aluno do campo tem seu modo de viver e ver as coisas, sendo que são diferentes dos alunos que vivem e estudam em escolas da zona urbana, portanto o ensino desenvolvido no campo também deve ser divergente do desenvolvido na cidade, pois são espaços diferentes, com grupos sociais e culturais distintos.

As escolas do campo necessitam de uma educação que contemple a diversidade cultural existente dentro do próprio território campestre, pois é necessário que o ensino parta do aluno e da realidade na qual este está inserido, sendo que os sujeitos que pertencem a este espaço são muitos e distintos étnica e culturalmente, portanto o ensino não pode ser o mesmo em todas as localidades rurais.

Dentre muitos desafios enfrentados na educação desenvolvida no campo como a estrutura das escolas, formações dos docentes, qualidade da merenda, recursos didáticos, etc. o maior problema a ser enfrentado pelas escolas do campo é o de desenvolver uma

educação que atenda os objetivos e anseios dos povos do campo deixando assim o desenvolvimento de uma educação no e para o campo (SOUZA et al, 2016).

Muitos são os problemas vividos pelas escolas pertencentes ao campo, porém o maior deles é que esta não leva em conta a realidade local, sendo que por conta disto esta acaba por não responder as expectativas do povo e os alunos acabam por não progredir no ensino.

É essencial que o ensino desenvolvido nas escolas do campo alcance as metas construídas por esses sujeitos, e para que os mesmos se sintam afetados por esse ensino é necessário que ele os motive, lhes tome a atenção e aguce sua curiosidade, pois “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (FREIRE, 1996, p.88).

De acordo com Freire o ensino deve provocar a curiosidade dos alunos, para que por meio desta eles verdadeiramente se interessem em aprender, pois a inquietação em aprender fará com que estes construam perguntas, problemas e elaborem meios de respostas e soluções.

Para despertar o interesse dos alunos é essencial que o professor desenvolva o ensino a partir de coisas que os alunos conhecem, para que assim eles possam fazer relações entre os conhecimentos escolares e os do cotidiano deles, sendo que é uma forma de tornar o ensino mais significativo.

Uma das realidades das escolas localizadas no campo e em especial da escola Fernando Nunes localizada na comunidade quilombola São Pedro na qual a pesquisa foi realizada e que desafia docentes e discentes no processo de ensinar e aprender são as classes multisseriadas, que de acordo com Hage (2005, p.42) é a situação na qual reúnem estudantes de várias séries na mesma sala de aula com apenas um professor (a). Muitos educadores acreditam que as escolas multisseriadas são um problema, isso devido sua estrutura, funcionamento, enfim a sua qualidade e a forma do ensino desenvolvido (HAGE, 2010).

Os professores acreditam que turmas compostas por alunos com idades e séries diferentes em uma mesma classe é mais difícil de aprender, pois são alunos com grau de conhecimentos diferentes, sendo que apenas um docente não tem como atender todas as séries e alunos simultaneamente, portanto os alunos são atendidos por série e conteúdo,

ou seja, não é um conteúdo único para todas as séries, e isso acaba dificultando o desenvolvimento do ensino e diretamente a aprendizagem dos alunos.

De acordo com Salomão Hage (2005) muitos são os transtornos enfrentados pelas escolas do meio rural, sendo que os mesmos acabam refletindo no processo de ensino aprendizagem, pois é o “professor que tem uma carga excessiva de trabalho e exercem variadas funções para além da docência como secretário, diretor, merendeiro, zelador, etc. para, além disso, existe as dificuldades enfrentadas pelos alunos como problema com a merenda escolar, o acesso à escola, o currículo totalmente deslocado da realidade dos mesmos, etc.”.

Em relação as escolas quilombolas isto também é uma realidade, pois no ensino dos alunos não é levado em consideração a realidade das comunidades, o contexto do território, o histórico de lutas, enfim a escola não abrange a vivência, o dia a dia dos alunos. Nunes (2006) destaca isso quando diz que:

A escola deve oferecer à criança o acesso ao saber historicamente acumulado, como disputa de poder na forma de direito a trabalho, moradia e saúde; direito também de poder ressignificar o lugar de onde fala, onde vive, onde se corporifica a afirmação da sua cor de pele, da sua remanescência como lugares habitados com auto-estima, imagem positiva de si mesmo (2006, p.358).

Segundo Nunes, é na escola que o aluno deve obter conhecimento a respeito da história dos seus antepassados, sendo estas de lutas e conquistas de direitos, pois é por meio desses conhecimentos que o aluno se reconhecerá e se auto afirmará tendo orgulho de si mesmo e do povo a qual pertence.

A escola quilombola deve levar em conta a trajetória percorrida pelo povo negro na busca pela liberdade, sendo que é dever desta transmitir aos alunos as reais causas do negro ter sido escravizado. Além da transmissão da história de seus ancestrais, a escola deve ainda desenvolver o ensino a partir da cultura e dos costumes dos alunos quilombolas, ou seja, é necessário o desenvolvimento de uma educação étnico-racial.

Para se superar esses problemas e tornar as escolas do campo e multisseriadas mais eficientes é necessário que algumas ações e providencias sejam tomadas no intuito de melhorar e contribuir com a qualidade do ensino nessas localidades, como por exemplo:

As escolas multisseriadas devem sair do anonimato e ser incluídas na agenda das secretarias Estaduais e Municipais de Educação, do Ministério da educação, das Universidades e centros de pesquisa, e dos movimentos sociais do campo (HAGE, 2005, p.54).

É necessário que as escolas do campo sejam contempladas pelos órgãos públicos estaduais, municipais e federais de ensino.

Muitas são as medidas as quais precisam ser tomadas para o sucesso das escolas do campo, principalmente em relação ao desenvolvimento do ensino, pois é necessário a construção de um currículo voltado para a realidade dos alunos oriundos e pertencentes às escolas do campo.

Currículo este que respeite as experiências e conhecimentos dos alunos e que leve em consideração a realidade social e cultural do espaço nos quais os mesmos estão inseridos, pois:

Crianças, adolescentes, jovens ou adultos que chegam às escolas carregam imagens sociais com que os currículos, as escolas e a docência trabalham, reforçam-nas ou a elas se contrapõem. Chegam com identidades de classe, raça, etnia, gênero, território, campo, cidade, periferia ... e sobre essas imagens construímos as imagens de alunos, definimos funções para cada escola e priorizamos ou secundarizamos conhecimentos, habilidades e competências (ARROYO, 2007, p.23).

Portanto, as pessoas não chegam à escola sem cultura, sem costumes, ao contrário levam consigo inúmeras experiências as quais foram desenvolvidas no meio social o qual pertencem. E é necessário que a escola tenha consciência disso, e desenvolva o ensino a partir das características de cada discente, isso caso realmente o objetivo da mesma seja formar alunos para o exercício pleno da cidadania, conhecedores dos seus direitos e deveres, autônomos e críticos.

Independentemente do local ou da realidade na qual as pessoas estão inseridas, estas se desenvolvem por meio das relações, dos costumes e da cultura ali desenvolvida, sendo que povos oriundos e pertencentes às comunidades quilombolas também possuem seus próprios costumes e maneira de viver, e é por intermédio destes que constroem suas concepções de vida e de mundo. A educação quilombola é tema do próximo item.

## **2.2 EDUCAÇÃO QUILOMBOLA**

Sabemos que a educação não ocorre somente na escola, pois a mesma está presente em diversos lugares, independentemente da localização, do espaço e dos sujeitos envolvidos. A educação é algo que está para além da escola, sendo assim ela estar nas

ruas, nas comunidades urbanas e rurais, enfim esta se manifesta e acontece em diversos e diferentes espaços sociais, de formas distintas, sendo estas formais ou informais, de modo que nenhum ser humano pode se esquivar dela.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 1995, p.3).

Conforme a citação de Brandão a educação está em todos os lugares, sendo que é impossível ao ser humano distanciar-se dela, porém esta não é a mesma e nem acontece da mesma forma em todos os espaços sociais, portanto por meio de diferentes formas de educação todos nós aprendemos uns com os outros.

Muito antes de chegarmos à escola já temos conhecimentos construídos, estes se desenvolveram por meio das relações estabelecidas no meio social e cultural ao qual pertencemos.

As comunidades quilombolas são um dos diversos espaços nos quais as pessoas se constroem social e culturalmente, pois são indivíduos que tem sua própria maneira de ver e enxergar o mundo, com história, cultura e costumes próprios, sendo que por meio destes se desenvolvem educacionalmente e de acordo com as relações ali estabelecidas. Georgina Helena Nunes (2006, p. 345) ressalta que: “As comunidades quilombolas ao serem analisadas de norte a sul do país apresentam diferentes sujeitos sociais que através de seu entorno, produzem concepções diferenciadas de mundo, de cultura, de sociedade, e conseqüentemente, de educação”.

Dessa forma, as comunidades quilombolas pertencentes a cada região do país são diferentes umas das outras, isso devido aos sujeitos que as compõem e que se distinguem uns dos outros, construindo nessas comunidades diferentes formas culturais, sociais e educacionais de ver e está no mundo. Cada comunidade tem seu modo específico de ser e se portar no mundo. Os costumes, a composição social e as práticas educativas das comunidades quilombolas da região Sudeste são diferentes das do nordeste, pois são espaços e atores sociais distintos.

Em relação a educação nas comunidades quilombolas já sabemos que não são iguais, pois conforme Brandão (1995) não existe um único tipo de educação e sim várias,

sendo que cada sociedade desenvolve a sua de acordo com seus valores, costumes e crenças, portanto é distinta e diversa.

O conhecimento sobre a cultura, o costume, o trabalho, a alimentação, a história de luta dos antepassados e do presente são experiências adquiridas por meio da vivência dentro das comunidades quilombolas, pois não é necessário a criança quilombola ir para a escola para aprender seus costumes, sua cultura, estes são apreendidos por intermédio das relações e da convivência diária. Gloria Moura (2006, p. 263) destaca que estes são “saberes transmitidos pelos pais e avós, pela comunidade onde mora, pela religião adotada pela família, pelas leituras e pela sua origem étnica”.

Desse modo, a forma de se comportar dos quilombolas, a maneira de viver são conhecimentos transmitidos de geração a geração. São experiências adquiridas no seio familiar e social a qual pertencem.

O conhecimento sobre a terra, as fontes de subsistência, o comportamento dentro da comunidade é transmitido de pai para filho, no caso dos homens o trabalho nas roças e outras demais atividades desenvolvidas por estes são apreendidas pelas crianças do sexo masculino por intermédio da convivência com os pais no dia a dia do trabalho, sendo que no caso das crianças do sexo feminino o conhecimento a respeito das atividades domésticas e outras demais desenvolvidas por estas são transmitidas pelas mães, porém o conhecimento adquirido e compartilhado dentro das comunidades quilombolas ocorre através da participação e interação entre todos os membros, inclusive as crianças, pois aprendem uns com os outros, sendo que são práticas que fazem parte do seu cotidiano e da realidade da comunidade. Desse modo:

As crianças aprendem porque participam de todas as atividades. Esse veículo de treinamento informal destila um saber que vai sendo transmitido e assimilado pouco a pouco, ao mesmo tempo em que proporciona oportunidade de reflexão sobre a mudança. Os valores que a comunidade reputa essenciais e que condensam esse saber são constantemente reafirmados e renegociados constituindo assim um currículo invisível através do qual são transmitidas as normas do convívio comunitário (GLORIA MOURA, 2006, p. 261).

É por meio da convivência e das relações estabelecidas dentro das comunidades que as crianças assimilam conhecimentos dos valores, das crenças, da cultura, dos costumes, enfim aprendem a se portar dentro do território.

Sendo a cultura, os costumes e as práticas desenvolvidas dentro das comunidades quilombolas fontes de conhecimento e aprendizado entre os moradores, essa por sua vez tem sua própria maneira de se educar, pois constrói por meio desta sua visão de mundo.

As comunidades quilombolas possuem culturas e conhecimentos próprios, os quais desejam ser respeitados e levados em consideração pela escola, porém os quilombolas não conseguem se enxergar dentro da escola, sendo que não percebem suas histórias, seus costumes e sua realidade ali dentro. É necessário que a educação escolar dos alunos quilombolas leve em consideração a realidade social, territorial e histórica nas quais estes estão inseridos, sendo assim o próximo item discutirá o tipo e a forma de educação a ser desenvolvida nestes espaços.

### **2.3 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA**

No intuito de obterem uma educação que ressalte a história do povo negro e conseqüentemente das comunidades quilombolas, os negros se organizaram para lutar em prol da criação da Educação Escolar Quilombola.

Assim sendo, a Educação Escolar Quilombola é resultado da luta do movimento negro e dos movimentos sociais quilombolas brasileiros na busca por uma educação que valorize e que leve em consideração a realidade dos territórios e das populações quilombolas, pois estas têm seus próprios costumes, sua própria cultura, sendo que por meio destes se constroem social e educacionalmente (MACHADO, 2014).

Os alunos quilombolas necessitam de um ensino diferenciado, que leve em consideração o histórico de lutas, os costumes e a cultura do povo negro. Um ensino desenvolvido a partir da realidade do território e das vivências dos moradores.

O ensino ministrado nas escolas reconhecidas como quilombolas deve ser desenvolvido a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica Brasileira, definida a partir da Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012.

Conforme o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Brasil (2013):

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados

os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola definem que:

- a) Organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:
  - I - Da memória coletiva;
  - II- Das línguas reminiscentes;
  - III - Dos marcos civilizatórios;
  - IV – Das práticas culturais;
  - V - Das tecnologias e formas de produção do trabalho;
  - VI – Dos acervos e repertórios orais;
  - VII – Dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
  - VIII – Da territorialidade.
- b) Compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber; Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância;
- c) destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica;
- d) deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas;
- e) deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;
- f) deve ser implementada como política pública educacional e estabelecer interface com a política já existente para os povos do campo e indígenas, reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade (BRASIL, 2012).

O ensino da Educação Escolar Quilombola deve ser desenvolvido a partir dos registros históricos das comunidades quilombolas, das práticas educativas, da cultura, do espaço do território, enfim, de todo o contexto histórico do passado e presente das comunidades.

As ações fundamentais para a educação em comunidades remanescentes de quilombos são:

- a) apoiar a capacitação de gestores (as) locais para o adequado atendimento da educação nas comunidades remanescentes de

- quilombos, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola;
- b) mapear as condições estruturais e práticas pedagógicas das escolas localizadas em comunidades remanescentes de quilombos e sobre o grau de inserção das crianças, jovens e adultos no sistema escolar;
  - c) garantir direito à educação básica para crianças e adolescentes das comunidades remanescentes de quilombos, assim como as modalidades de EJA;
  - d) ampliar e melhorar a rede física escolar por meio de construção, ampliação, reforma e equipamento de unidades escolares;
  - e) promover formação continuada de professores (as) da educação básica que atuam em escolas localizadas em comunidades remanescentes de quilombos, atendendo ao que dispõe o Parecer CNE/CP nº 01/2004 e a resolução CNE/CP nº 01/2004, considerando o processo histórico das comunidades e seu patrimônio cultural;
  - f) editar e distribuir materiais didáticos conforme o que dispõe o Parecer CNE/CP nº 03/2004 e a resolução CNE/CP nº 01/2004, considerando o processo histórico das comunidades e seu patrimônio cultural;
  - g) produzir materiais didáticos específicos para EJA em comunidades quilombolas;
  - h) incentivar a relação escola/comunidade no intuito de proporcionar maior interação da população com a escola, fazendo com que o espaço escolar passe a ser fator de integração comunitária;
  - i) aumentar a oferta de ensino médio das comunidades quilombolas para que possamos possibilitar a formação de gestores e profissionais da educação das próprias comunidades.

Para o desenvolvimento da Educação Escolar Quilombola é necessário expandir o ensino e a promoção de formações no intuito de capacitar o quadro docente para atuação nas comunidades, especialmente os oriundos da própria localidade, prédios com estruturas de qualidade, materiais didáticos e práticas pedagógicas de acordo com a realidade dos alunos e a parceria entre escola e comunidade.

É importante que toda a sociedade tenha conhecimento a respeito das variadas etnias, pois somos uma sociedade constituída por diferentes grupos sociais, todos com particularidades próprias. E enquanto educadores nossa responsabilidade de apropriarmos desse conhecimento é ainda mais urgente, pois não conhecemos os alunos com os quais iremos trabalhar. Portanto é importante a capacitação para o desenvolvimento de um ensino diverso, o qual não possa ser afetado por conta da falta de nosso conhecimento em relação à cultura, costumes e particularidades de nossos alunos.

Conhecer a história das comunidades remanescentes de quilombos existentes em todos os estados da federação é importante para todos os brasileiros (GLORIA MOURA, 2007, p.3). É dever da escola difundir a história dos quilombos modernos e de sua atual organização, pois é pertinente a todas as crianças brasileiras obter esse conhecimento, até

como meio de compreender e afirmar nossa identidade diversificada e abrangente (GLORIA MOURA, 2007).

Como cidadãos brasileiros é importante a todos nós o conhecimento das diversas etnias, culturas, da diversidade que compõe nossa nação, pois cada povo contribui com o desenvolvimento do país. E é imprescindível que a escola ressalte isso, fazendo com que os alunos tenham conhecimento sobre a diversidade cultural que compõe nossa nação, para que possam se sentir protagonistas desse processo independente de suas características culturais e particulares.

De acordo com Moura “a escola tem um papel fundamental para os moradores dos quilombos contemporâneos, mas eles desejam uma escola sua, da comunidade, onde suas diferenças sejam respeitadas” (2007, p.6).

Os moradores querem se sentir presentes dentro da escola, querem se enxergar nesta, porém para que isso aconteça é necessário que a escola ressalte as características dos indivíduos e do próprio território.

É importante que a escola desenvolva o ensino a partir da cultura e dos costumes das comunidades, pois é uma forma de despertar nos alunos o sentimento de preservação e valorização da cultura de seus ancestrais, o sentimento de pertencimento que é essencial para a continuidade dessas vivências.

Conforme Bárbara Oliveira (2007, p. 19) a organização das comunidades quilombolas é importante no processo de valorização dos saberes tradicionais. A educação também é fundamental na preservação da cultura quilombola. Para que a cultura quilombola se fortaleça são necessários espaços para frutificar e fortalecer essas práticas.

A vivência em comunidade faz com que os conhecimentos transmitidos de geração a geração não se percam, sendo que as práticas educativas também contribuem com esse processo.

As comunidades quilombolas reconhecem a importância da escola, porém não se enxergam nela, sendo que querem uma escola na qual sejam protagonistas, que leve em consideração suas vivências, sua história. Desejam uma escola que ressalte nos alunos a importância de valorizar sua cultura, que contribua no desenvolvimento e reconhecimento de suas identidades (GLORIA MOURA 2007).

A aprendizagem adquirida nas comunidades quilombolas por meio das relações é desenvolvida a partir do lugar e de tudo que pertence à comunidade, ou seja, é utilizado o espaço, as práticas, enfim o conhecimento é transmitido através da própria cultura e

costumes, sendo que na escola o desenvolvimento do ensino ocorre de forma contrária, pois este não parte do contexto e realidade dos alunos, portanto não leva em consideração as experiências por eles vividas.

Sendo assim, o ensino desenvolvido nas escolas quilombolas deve levar em consideração o histórico cultural e social dos alunos e a realidade vivida por eles em suas comunidades, portanto é importante que o currículo da educação quilombola esteja de acordo com isso, pois:

A educação escolar quilombola deve garantir a implementação de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas (BRASIL, 2012).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, o ensino desenvolvido nas comunidades e escolas quilombolas deve partir da realidade na qual os alunos se encontram, sendo assim deve haver uma parceria entre o ensino desenvolvido na escola e aqueles absorvidos nas comunidades.

Gloria Moura (2006) destaca que o que se busca é um ensino que ressalte a história, os costumes e as realidades vividas pelos alunos descendentes e residentes em comunidades quilombolas, sendo que é por meio destes que constroem suas identidades, ou seja, um ensino que resgate e valorize suas histórias e suas origens, portanto é necessário que o ensino desenvolvido nas comunidades quilombolas parta do contexto cultural no qual a escola está inserida para que se possa assim expandir os conhecimentos e os olhares dos alunos sobre o mundo contribuindo com a universalização de saber dos mesmos.

Sendo assim, as comunidades quilombolas anseiam por uma escola na qual seus direitos sejam respeitados, que priorize suas características e particularidades, enfim uma escola e um ensino que verdadeiramente contribua com o desenvolvimento da identidade e dos conhecimentos dos alunos.

Os remanescentes de quilombolas lutam por melhorias na qualidade do ensino, escolas dignas para os seus filhos, com profissionais e propostas no âmbito educacional que contemplem a história do povo negro, suas especificidades e diferenças culturais, proporcionando-lhes condições de viverem outras realidades, novas descobertas (PINTO, 2006).

De acordo com a citação de Pinto, para os moradores das comunidades remanescentes de quilombolas o importante não é só seus filhos irem para a escola e sim o aprendizado que ela pode fornecer para eles, ou seja, estão preocupados com a qualidade da mesma, pois desejam uma escola que contemple a diversidade cultural existente e que ressalte a história e importância do povo negro.

Portanto, desejam uma escola que além de respeitar seus costumes e modo próprio de viver contribua com o desenvolvimento das crianças de modo que elas deem continuidade a cultura e costumes de seu povo. Uma formação que forneça desenvolvimento e reconhecimento de identidade.

Freire destaca que ao invés da prática educativa construir seres humanos conhecedores de suas realidades, inconformados com as injustiças, pesquisadores, prontos para o exercício da cidadania, esta forma pessoas alienadas. Isso é resultado de uma educação que visa o mercado capitalista como esclarecido na citação abaixo:

O processo de mercantilização da educação é inerente ao tempo de transformação que vivemos no mundo globalizado e de internalização do capital financeiro, que consigo trazem o avanço tecnológico, o mercado como determinador das relações sociais e educacionais e com isso as incertezas e inseguranças geradas por essa situação contextual mais ampla, que coloca ao setor educacional desafios importantes e grandiosos, que implica no significado, no processo e nos resultados da formação docente e discente (RIBEIRO, 2013, p.40)

E esse é um dos desafios enfrentados pelos professores, pois os mesmos além de desenvolverem suas atividades sob currículo já estabelecido ainda tem a difícil tarefa de criar métodos por meio dos quais possam desconstruir ideologias e assim transmitir aos alunos um ensino crítico, por meio do qual possam conhecer a realidade da sociedade que vivem atuando de forma ativa na mesma.

Desse modo, sobre a escola e os docentes recai a difícil tarefa de avaliar que concepção de vida e de sociedade deve ser levada ao conhecimento dos alunos e que conteúdos e metodologias são capazes de propiciar aos mesmos conhecimentos eficazes e significativos os quais lhes forneçam informação e experiência para uma atuação social e política ativa (LIBÂNEO, 2013).

Assim, a formação dos alunos está quase que diretamente ligada a escola, sendo que esta não é o único ambiente no qual os mesmos se desenvolvem educacionalmente, porém ela é a maior responsável por esse desenvolvimento, portanto cabe a mesma criar meios e utilizar ferramentas as quais deem significância a esse processo.

Conforme Libâneo (2013, p.17) “A prática educativa, e especialmente os objetivos e conteúdo do ensino e o trabalho docente, estão determinados por fins e exigências sociais, políticas e ideológicas”. Portanto, o professor se quiser formar alunos críticos e autônomos tem que enfrentar o desafio de superar as amarras as quais lhes são impostas.

Estamos vivendo num tempo no qual a forma de poder, o planejamento das atividades, o desenvolvimento do diálogo, o vínculo social, a formação dos docentes e discentes, manifestam adaptação economicistas, problema este que nos provoca a construir métodos por meio dos quais libertar e fortificar um processo de ensino que coloque o ser humano como protagonista de um sistema educacional que vise o crescimento social (RIBEIRO, 2013).

Enquanto professores temos a responsabilidade de construir metodologias que contribuam de maneira significativa com o processo de ensino aprendizagem de nossos alunos, tornando os mesmos participantes ativos desse processo, ou seja, esse é um dos desafios o qual enquanto docentes temos que enfrentar.

De acordo com Ribeiro (2013) muitos são os desafios enfrentados pelos professores nesse país principalmente os atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental, pois as escolas não tem qualidade na infraestrutura, sofrem com ausência de meios tecnológicos, os professores sofrem com a carga excessiva de trabalho, pois essa é a única solução para ganharem melhor, e poderem assim garantir sua sobrevivência, existem ainda o controle das avaliações as quais requerem resultados, falta de recursos financeiros para custear projetos e programas, péssimas condições de trabalho, baixa remuneração, falta de apoio das secretarias e dos próprios gestores, tem ainda a dificuldade dos professores em relação a formação continuada.

Os desafios enfrentados pelos professores são inúmeros, os quais se iniciam desde a formação, perpassando pela atuação e se refletindo na prática educativa. Para a superação desses problemas, muitas providencias precisam ser tomadas, a primeira delas é a educação tornar-se prioridade nesse país.

Salomão Hage (2005) destaca que no Pará a realidade vivida pelos professores atuantes nas escolas do campo apresenta grandes desafios, dentre eles a formação, pois grande parcela dos docentes atuantes nestas escolas tem formação deficiente, outro grande problema é que boa parte dessas escolas especialmente as de ensino fundamental nos anos iniciais são multisseriadas.

Os desafios enfrentados pelos professores atuantes nas instituições escolares do campo estão relacionados a falta de formação e também a multisseriação que é realidade na maior parte das escolas localizadas no meio rural, principalmente nas que atendem alunos do ensino fundamental menor.

Hage (2005) ressalta que há ainda a precarização das escolas, o acesso dos docentes as mesmas, a oferta irregular da merenda escolar, a sobrecarga de trabalho dos professores, a qual se amplia para além da docência, a pouca autonomia dos docentes por conta de questões políticas e o poder local que acaba interferindo na dinâmica das secretarias de educação, a falta de apoio das secretarias Estaduais e Municipais de Educação, a pressão sofrida pelos professores por parte das secretarias em relação a aprovação dos alunos, no intuito de diminuir os elevados índices de fracasso escolar.

Como se não bastasse a falta de qualidade na infraestrutura das escolas, o percurso dos professores até as mesmas, a falta de merenda, o excesso de atividades, a limitada autonomia, o abandono por parte das secretarias, estes são também pressionados por esta a aprovar o maior número possível de alunos, com o objetivo de disfarçar a ausência do sucesso escolar.

Além dos desafios que já foram citados, alguns professores dessas escolas ainda têm que lidar com uma realidade totalmente diferente da qual estão acostumados, sendo que essa nova realidade e esses novos educandos necessitam de um ensino próprio, adequado a sua realidade, porém nem sempre o professor tem conhecimento sobre a realidade do aluno e formação adequada para desenvolver o ensino, e isso é um fator que acaba dificultando o sucesso do ensino aprendizagem.

Portanto, o que se percebe é que os desafios enfrentados pelos professores estão para além da localização das escolas, pois tanto as escolas da cidade como as do campo passam por dificuldades, sendo que estas se apresentam de formas e maneiras diferentes umas das outras, pois são espaços com realidades e sujeitos distintos.

É necessário que atitudes sejam tomadas por todos aqueles que são responsáveis pelo provimento da educação, com o objetivo de garantir mais qualidade no desenvolvimento do trabalho do professor e conseqüentemente no ensino aprendizagem dos alunos.

### SEÇÃO III: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção apresento os dados coletados na pesquisa de campo e a análise dos mesmos, de acordo com o referencial teórico selecionado e outros.

Para coletar os dados de campo foram realizadas 5 (cinco) entrevistas com 5 (cinco) professores da escola descrita na metodologia deste trabalho. Abaixo descrevo algumas características dos mesmos e também os nomeio com nomes fictícios, conforme acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

#### **Quadro 1: Características dos professores participantes da pesquisa por sexo, idade, localidade, formação e pertencimento à comunidade.**

SUJEITOS	SEXO	IDADE	LOCALIDADE	FORMAÇÃO	PERTENCIMENTO À COMUNIDADE
<b>Janaina</b>	Feminino	42 anos	Agrovila Calúcia – Castanhal	Licenciada em Pedagogia	Não pertence à comunidade
<b>Amir</b>	Masculino	35 anos	São Francisco do Pará	Licenciatura plena em Educação Física	Não pertence à comunidade
<b>Kênia</b>	Feminino	39 anos	Castanhal	Licenciatura plena em Ciências biológicas.	Não pertence à comunidade
<b>Akin</b>	Masculino	46 anos	Quilombo São Pedro - Castanhal	Graduação em Pedagogia; Especialista em Saberes Afros africanos	Pertence à comunidade
<b>Lana</b>	Feminino	27 anos	Agrovila Cupiúba - Castanhal	Letras com habilitação em Língua Espanhola	Não pertence à comunidade

Fonte: Trabalho de Campo, RODRIGUES (2018)

Por meio do quadro acima é possível identificar que somente um dos professores é da própria comunidade, sendo que os demais pertencem à outras localidades, assim sendo, será que esses docentes têm conhecimento da realidade dos alunos, da história de luta de seu povo e da importância do desenvolvimento de uma educação que valorize e respeite a especificidade desses alunos enquanto descendentes de quilombos?

Em contrapartida a essa realidade as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012, art. 48) diz que: A educação Escolar quilombola deverá ser conduzida, preferencialmente, por professores pertencentes às comunidades quilombolas.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola é importante que os professores atuantes nas escolas quilombolas sejam da própria localidade, ou seja, pertencentes ao território quilombola.

Feita essa breve caracterização dos professores e conseqüentemente sujeitos da pesquisa, perguntei sobre o tempo de atuação na escola?

**Janaina:** *Seis meses*

**Amir:** *Quatro meses*

**Kênia:** *Quatro meses*

**Akin:** *Doze anos*

**Lana:** *Quatro meses*

Dos cinco professores pesquisados, nenhum trabalha na escola há mais de um ano. Quatro dos cinco são contratados, fato que por si já diz muita coisa, em decorrência do tipo de contrato feito por semestre, que não dura seis meses, dificultando vínculo entre educador, escola e comunidade. Outro fator a ser destacado é que quase sempre a secretaria municipal de Castanhal envia servidores temporários, ao invés de concursados, para as áreas rurais.

Para enfatizar Hage (2005) ressalta que os professores das escolas do campo têm sua autonomia limitada por fatores políticos que invadem a influência “local” e acabam interferindo no trabalho desenvolvido pelas “secretarias de educação”, as quais submetem os docentes a uma crescente “rotatividade”, ou seja, os mesmos migram de uma escola para outra frequentemente por conta de suas condições instáveis no cargo.

Assim sendo, o professor acaba por não conhecer a realidade do aluno por conta do pouco tempo que atua na escola, devido a constante mudança de uma instituição para outra.

Perguntei aos professores como eles caracterizam uma escola quilombola? Obtive as seguintes respostas:

**Janaina:** *Boa e bem atualizada com a cultura e costumes dos seus antepassados*

**Amir:** *Com tantas opções, a escola pode valer-se desses conhecimentos tradicionais das comunidades e explorá-los em todas as*

*áreas, deixar que os corpos se situem em um ambiente que já estão acostumados, permitindo uma estada mais agradável e uma forma de construção mais apropriada do saber. Mostram valores positivos, a influência cultural para a sociedade que este povo trouxe na linguagem, na dança, na religião, na música, na culinária.*

**Kênia:** *A escola quilombola tinha que ser diferenciada das outras escolas mesmo sendo do campo porque existe a escola urbana, a do campo e a do quilombo, são escolas diferentes, culturas diferentes. A literatura do quilombo é uma, a literatura do campo é outra, a realidade do campo é uma a do quilombo é outra.*

**Akin:** *Uma escola quilombola é aquela que busca trabalhar a questão das raízes, da cultura e do conhecimento prévio que cada aluno tem de suas características, da sua visão. Trabalhar os acervos que fazem parte do dia a dia do aluno, buscar trabalhar os repertórios, a territorialidade, a civilização, a questão da identidade que é uma coisa que tem que fluir na pele do ser humano para que ele possa ter orgulho de ser da raça negra e ter a cor preta.*

**Lana:** *Para mim a escola remanescente de quilombolas ela tem um papel muito importante, de levar a diante a cultura, os costumes dos antepassados. [...]*

Por meio da fala dos professores foi possível concluir que escola quilombola é aquela que leva em consideração os conhecimentos dos alunos, a realidade deles, o espaço que vivem, a história passada e presente do seu povo. É aquela que leva em conta as práticas educativas adquiridas pelos alunos dentro do próprio território.

Conforme os sujeitos pesquisados a escola quilombola é aquela construída a partir das vivências e experiências dos alunos enquanto descendentes de quilombos, ou seja, é aquela que agrega os conhecimentos informais dos alunos, construídos a partir das relações sociais estabelecidas dentro da comunidade.

De acordo com Pinto (2006) é por meio dos moradores mais velhos das comunidades que o conhecimento sobre a história dos antepassados, as dificuldades por eles enfrentadas, os costumes, a cultura e as práticas educativas são repassadas aos mais jovens, sendo que este é um meio de mantê-los sempre vivos e também de fortalecer a identidade.

São os moradores mais antigos dos territórios quilombolas os responsáveis pelo compartilhamento das vivências, experiências e práticas dos seus ancestrais a população mais nova das comunidades, isso no intuito de preservar os conhecimentos e a identidade de seu povo (PINTO, 2006).

É por meio das relações que os conhecimentos são transmitidos e absorvidos dentro das comunidades quilombolas de uma geração a outra.

Kênia destaca a especificidade da escola quilombola quando diz que: *A escola quilombola tinha que ser diferenciada das outras escolas mesmo sendo do campo porque*

*existe a escola urbana, a do campo e a do quilombo, são escolas diferentes, culturas diferentes. A literatura do quilombo é uma, a literatura do campo é outra, a realidade do campo é uma, a do quilombo é outra.*

Concordo com Kênia quando afirma que a realidade da escola quilombola é diferente das demais escolas, seja do campo ou da cidade, pois os sujeitos que compõem as comunidades remanescentes de quilombos pertencem a um grupo étnico cultural com características e particularidades específicas, sendo que estas devem ser respeitadas.

A educação desenvolvida nas escolas quilombolas deve levar em consideração os costumes, a cultura e a realidade das comunidades, visando assim um ensino que resgate as origens, ressalte as experiências e que desperte o sentimento de pertencimento nos alunos.

A educação escolar dos alunos quilombolas deveria levar em conta as experiências por estes adquiridas nas comunidades, porém de acordo com Gloria Moura (2006, p.262):

A grande diferença que se deve destacar entre a transmissão do saber nas comunidades negras rurais e nas escolas é que, no primeiro caso, o processo, fruto da socialização, desenvolve-se de forma natural e informal e, no segundo, o saber não está referenciado na experiência do aluno.

Conforme Gloria Moura a educação escolar dos alunos quilombolas não leva em consideração as práticas educativas, os conhecimentos e as experiências por eles vividas dentro dos territórios, enquanto que nas comunidades os conhecimentos, os valores, os costumes são assimilados e absorvidos devido fazerem parte da vivência, do dia a dia deles.

Nas escolas pertencentes e reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, da cidade ou do campo, e ainda instituições de ensino próximos a essas comunidades e que recebem quantidade expressiva de alunos oriundos de comunidades quilombolas ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na educação básica na forma da resolução 08/2012.

§1º A educação Escolar Quilombola na Educação básica:

- I – Organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:
  - a) da memória coletiva;
  - b) das línguas reminiscentes;
  - c) dos marcos civilizatórios;
  - d) das práticas culturais;

- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
  - f) dos acervos e repertórios orais;
  - g) dos festejos, dos usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
  - h) da territorialidade
- V – Deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade (BRASIL, 2012).

O ensino deve ser ministrado levando em consideração o contexto social, cultural e histórico das comunidades quilombolas, de forma que possa contribuir significativamente com o conhecimento dos alunos sobre a origem e história do seu povo, fazendo com que estes se reconheçam e valorizem a cultura e costumes de seus antepassados para que estes não sejam esquecidos.

A Educação Escolar Quilombola é aquela que leva em consideração a história dos quilombos e a realidade das comunidades quilombolas atuais nas quais os alunos estão inseridos, portanto é aquela que desenvolve o ensino de acordo com o contexto histórico, social e cultural do aluno descendente de quilombos. E é desenvolvida em instituições de ensino localizadas nas próprias comunidades quilombolas ou em escolas fora das mesmas, porém que recebem estudantes oriundos e pertencentes a comunidades quilombolas.

Por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012) é possível verificar que existem formações específicas para professores que atuam no desenvolvimento do ensino da Educação Escolar Quilombola, perguntei aos entrevistados se eles possuem curso ou formação que lhes possibilitem a desenvolver o ensino da Educação Escolar Quilombola? Em caso positivo, qual?

**Janaina:** *Não. Só a do campo*

**Amir:** *Não possuo curso, mas busco me aprofundar sobre o tema através de leituras, vídeos e conversas informais.*

**Kênia:** *Não.*

**Akin:** *Como falei sou especialista no curso pela formação de educação da UNIAFRO. Eu posso dizer que esse curso me possibilitou bastante conhecimento para que eu pudesse me apropriar desses acervos, desse repertório, dessa territorialidade, da questão da identidade, onde posso desenvolver atividades voltadas para o conhecimento dos alunos e que eles também podem expor para mim seus conhecimentos que são riquíssimos para a escola e para o seu desenvolvimento.*

**Lana:** *Não*

Nenhum dos professores pesquisados tem formação específica para o desenvolvimento do ensino da Educação Escolar Quilombola, sendo que isso acaba interferindo na qualidade do ensino e conseqüentemente na aprendizagem dos alunos, que necessitam se reconhecer por meio da cultura, dos costumes, dos acervos, repertórios, enfim de toda herança ancestral de seu povo, portanto é essencial aos docentes conhecimentos e meios por intermédio dos quais possam desenvolver a Educação Escolar Quilombola e assim desenvolverem um ensino de qualidade e de acordo com as necessidades e características dos educandos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012, art. 49) Os sistemas de ensino, no âmbito da Política Nacional de formação de professores da Educação Básica, deverão estimular a criação e implementar programas de formação inicial de professores em licenciatura para atuação em escolas quilombolas e escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas ou ainda em cursos de magistério de nível médio na modalidade normal, de acordo com a necessidade das comunidades quilombolas. E ainda de acordo com o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2013) para a qualidade do ensino da Educação Escolar Quilombola é fundamental:

Promover formação continuada de professores (as) da educação básica que atuam em escolas localizadas em comunidades remanescentes de quilombos, atendendo ao que dispõe o Parecer CNE/CP nº 03/2004 e a resolução CNE/CP nº 01/2004, considerando o processo histórico das comunidades e seu patrimônio cultural.

Assim, é importante que os docentes de escolas quilombolas através das instituições de ensino superior obtenham formação inicial e continuada que lhes forneça subsídios para o desenvolvimento da Educação Escolar Quilombola.

Todos os alunos têm direito a uma educação de qualidade independente de sexo, credo ou raça, sendo que cada um tem a sua especificidade, porém é necessário que a escola leve as particularidades dos alunos em consideração no processo de ensino, disponibilizando profissionais conhecedores e aptos a desenvolverem o ensino de acordo com as suas características e necessidades. E para que aconteça a formação seja ela inicial ou continuada é essencial, pois é por meio destas que os professores constroem e ampliam seus conhecimentos. Os professores precisam buscar conhecimentos que os tornem

críticos e conhecedores das realidades dos alunos, pois só assim poderão formar alunos autônomos e aptos ao exercício da cidadania. É necessário primeiro o professor obter o conhecimento para depois transmiti-lo ao aluno. Pois:

Sem professor competente no domínio das matérias que ensina, nos métodos, nos procedimentos de ensino, não é possível a existência de aprendizagens duradouras. Se é preciso que o aluno domine solidamente os conteúdos, o professor precisa ter, ele próprio, esse domínio. Se os alunos precisam desenvolver o hábito do raciocínio científico, que tenham autonomia de pensamento, o mesmo se requer do professor. Se queremos alunos capazes de fazer uma leitura crítica da realidade, o mesmo se exige do professor. Se quisermos lutar pela qualidade da oferta dos serviços escolares e pela qualidade dos resultados do ensino, é preciso investir mais na pesquisa sobre formação de professores (LIBÂNEO, 2001, p. 22).

Dessa forma, se quisermos avançar na qualidade do ensino dos alunos é necessário investir primeiro na formação dos docentes, pois é a partir da qualidade da formação do mesmo que depende o sucesso do ensino dos alunos. Professores bem formados, informados e capacitados são a chave para o desenvolvimento de uma educação de qualidade por meio da qual o aluno se constitua autônomo e criticamente.

Outra pergunta feita aos professores foi se: A escola trabalha a Educação Escolar Quilombola? Se sim, como?

**Janaina:** *Sim. Atualizando sempre seus costumes e cultura no seu dia a dia.*

**Amir:** *Sim, através dos resgates das histórias, da cultura, dos plantios, dos jogos e brincadeiras.*

**Kênia:** *A grade curricular, ela é uma grade curricular feita para todas as escolas, tanto urbana quanto rural, ou seja, é uma grade só, que tem uma realidade que não condiz nem com o campo, nem com o quilombo, porém depende de cada professor, pois apesar de haver um planejamento a ser seguido o professor pode fazer adaptações e introduzir no seu próprio planejamento conhecimentos relacionados a comunidade.*

**Akin:** *Eu digo para mim mesmo como professor que sim. Eu busco trabalhar com os alunos por meio de rodas de conversas a história dos nossos antepassados, os costumes, a cultura, enfim a historicidade da nossa comunidade, e desenvolvemos por intermédio disto texto, redações, trabalhamos a escrita. Busco todo conhecimento que possa está sendo relacionado ao português, a matemática, ciências e assim vou desenvolvendo essa multidisciplinaridade dentro da educação escolar quilombola que é trabalhar o dia a dia do aluno.*

**Lana:** *Sim, com certeza, sem dúvidas, por esse pouco tempo que eu estou na escola eu percebo que o plano pedagógico da escola leva muito em consideração isso também para não deixar morrer essa cultura, esses costumes. Os professores, eles ressaltam por meio de*

*comemorações com os alunos para que não venha a cair no esquecimento, porque hoje devido a tecnologia, essas coisas, às vezes os alunos podem esquecer um pouquinho, mas só que os professores não permitem que isso aconteça.*

É importante que na comunidade haja Educação Escolar Quilombola, pois apesar das falas dos professores assegurarem que a mesma é desenvolvida na escola, é perceptível por meio dos argumentos contraditórios de alguns dos professores e da realidade do Projeto Político Pedagógico (PPP) que não existe, pois começou a ser construído no ano de 2016, porém não foi concluído.

Percebemos que apesar da criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola a execução da mesma nem sempre acontece, pois parte significativa das escolas quilombolas principalmente as localizadas no campo funcionam como anexo ou sala de aula de outras escolas, sendo que esta é uma realidade da escola pesquisada, pois a mesma funciona como anexo de outra escola, a qual é tida como sede.

Desse modo, o currículo desenvolvido na escola não condiz com a realidade da comunidade e dos alunos, pois de acordo com a escola polo que possui realidade diferente da do quilombo. Isso é ressaltado na fala de **Kênia**: *“A grade curricular, ela é uma grade curricular feita para todas escolas, tanto urbana quanto rural, ou seja, é uma grade curricular só, que tem uma realidade que não condiz nem com o campo, nem com o quilombo, porém depende de cada professor, pois apesar de haver um planejamento a ser seguido o professor pode fazer adaptações e introduzir no seu próprio planejamento conhecimentos relacionados à comunidade”*.

De acordo com a fala exposta acima podemos constatar que a especificidade dos alunos do campo não é reconhecida via a construção da grade curricular, pois o currículo desenvolvido na escola não leva em consideração o contexto e o espaço no qual a escola está inserida, ou seja, não leva em consideração a realidade dos alunos. Esse problema é reconhecido por Hage (2005, p. 56):

*Reconhecemos que ainda predominam em nossos sistemas de ensino compreensões universalizantes de currículo, orientados por perspectivas homogeneizadoras que sobre-valorizam concepções mercadológicas e urbano-cêntricas de vida e desenvolvimento, e desvalorizam as identidades culturais das populações que vivem e são do campo, interferindo em sua auto-estima.*

Conforme Hage o sistema de ensino de nosso país compreende o currículo como algo universal, pois este é construído no intuito de expandir o mercado capitalista, sendo

que desconsidera as vivências, costumes e valores das pessoas camponesas, afetando na construção e reconhecimento de suas identidades.

O sistema educacional não reconhece a multiculturalidade dos alunos que compõem as escolas brasileiras, pois veem e constroem o currículo como algo uniforme, sendo que as escolas são compostas por alunos com culturas, costumes e realidades diferentes as quais são construídas e desenvolvidas em espaços e contextos também distintos.

É importante que o contexto e a realidade local na qual os alunos vivem sejam levados em consideração no processo de ensino, pois a realidade dos alunos do campo é diferente dos da cidade, portanto para o sucesso no ensino das escolas da zona rural é necessário à construção de um currículo que contemple a especificidade dessa população.

Para que a escola do campo possa progredir e assim formar alunos conscientes e orgulhosos de sua identidade é necessário que haja a construção coletiva de um currículo que valorize as diferentes experiências, saberes, valores e especificidades culturais das populações do campo da Amazônia (HAGE, 2005, P. 56).

Desse modo, é de extrema importância a construção de uma grade curricular na qual as peculiaridades dos alunos sejam respeitadas, independente do espaço, seja cidade, campo, quilombo, enfim é necessário que o local, a cultura, os costumes e as particularidades de cada aluno sejam respeitadas.

Em relação ao povo negro e as comunidades quilombolas Pinto (2006, p. 300) considera:

Ser de suma importância que tradições históricas e culturais, resistências, saberes, experiências, formas de trabalho e modos de sobrevivência das mais de mil comunidades remanescentes de quilombolas existentes em todo o território nacional, ultrapassem as fronteiras destas comunidades, fazendo parte de fato do currículo da escola formal em todo o Brasil, com a finalidade de ser repassado entre os alunos não só como conhecimento da história do povo negro e das comunidades quilombolas atuais, mas também para funcionar como um “meio de compreensão e afirmação de nossa identidade multi-étnica e pluricultural”.

De acordo com Pinto o conhecimento em relação a história de luta do povo negro na busca pela liberdade, os costumes, as vivências, a cultura das comunidades quilombolas de todo o país deveriam ser expandidas por todas as escolas brasileiras por meio dos currículos desenvolvidos, com o objetivo de que todos os estudantes conheçam

não só a história do povo negro e dos quilombos contemporâneos, mas também como elo por meio do qual possam compreender e afirmar a pluralidade cultural brasileira.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012, art.34) define que:

§ 1º Os currículos da Educação Escolar Quilombola na educação básica devem ser construídos a partir dos valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definidos nos projetos político-pedagógicos.

§ 2º Deve considerar, na sua organização e prática, os contextos socioculturais, regionais e territoriais das comunidades quilombolas em seus projetos de Educação Escolar Quilombola.

Assim sendo, o currículo para a Educação Escolar Quilombola deve ser construído e desenvolvido a partir da realidade e dos objetivos da comunidade, ou seja, deve levar em consideração o dia a dia que os alunos vivem, a trajetória e o histórico de luta do seu povo, as fontes de subsistência, os meios de trabalho, pois é necessário que o ensino esteja de acordo com os objetivos e metas das comunidades.

O ensino deve contribuir com o crescimento da comunidade, ou seja, deve trazer conhecimentos positivos que valorizem os saberes e as identidades dos alunos para que estes tenham orgulho de sua cultura e de sua etnia.

A penúltima pergunta feita no ato da entrevista foi: Que desafios você enfrenta enquanto docente de uma escola quilombola? Descreva-os

**Janaina:** *A distância, o transporte*

**Amir:** *A falta de formação continuada, alguns temas da cultura negra como as danças.*

**Kênia:** *Bom, a única dificuldade é o transporte, o acesso à escola, pois como a escola é distante de tudo ninguém quer vir, ninguém quer trabalhar lá. Eu sempre falo que só mesmo os guerreiros vão até o fim. A escola necessita muito de materiais didáticos, computador, Datashow, todo esse aparato que é necessário para que haja uma aula diferenciada. A escola precisa de suporte técnico e didático.*

**Akin:** *Alunos que vem de outras escolas, de outras comunidades e que não querem se afirmar, se aceitar, isso é bem complicado, mas a partir do momento que eu tenho um aluno que é filho da comunidade, que nasceu e se criou dentro da comunidade não tem essa dificuldade, pois ele se aceita, se identifica, isso que é bem importante na vida.*

**Lana:** *Não, eu não enfrento desafios, porque como eu também sou de zona rural, moro perto dessa comunidade quilombola, a linguagem que eles falam eu entendo, as gírias comuns eu entendo.*

É notório que os desafios enfrentados pelos professores enquanto docentes de uma escola quilombola são muitos, divergentes uns dos outros, de acordo com seu lugar

de origem e de fala, pois para **Janaina** e **Kênia** os mesmos estão aliados ao acesso e ao transporte até a escola; para **Amir** a falta de formação continuada, em desenvolver alguns temas da cultura negra; já para **Akin** é desafiador lidar com a não afirmação e aceitação por parte de alguns alunos descendente de quilombolas.

Sobre o desafio enfrentado pelo **Amir**, em referência a falta de formação continuada e alguns temas da cultura negra, sabemos que muitos são os meios através dos quais a formação continuada dos professores pode ocorrer, sendo que cabe a escola e ao profissional procurar a que melhor a eles se adequa, pois, a mesma é essencial para a qualidade da prática do ensino e progresso da escola.

Porém a formação continuada torna-se um desafio para os professores que tem pouco tempo disponível, isso por conta da carga excessiva de trabalho na busca de maior e melhor remuneração, sendo que por conta disto nos momentos em que o professor está ausente da escola, o mesmo aproveita para descansar e assim a formação continuada vai ficando para trás. Ribeiro (2013, p. 42) esclarece que:

A formação continuada dos professores, também perpassa pelas condições de trabalho, pelo aspecto salarial, dentre outros, como o fato dos professores terem sua carga horária de trabalho ampliada para poder sobreviver financeiramente, fator este que impede os mesmos de participarem de projetos ou programas de formação continuada que promovam estudos, debates, socialização de experiências, devido à falta de tempo, ao cansaço físico, à falta de apoio dos gestores, enfim, aos diversos fatores desestimulantes. Além do que ainda são poucos os processos de formação continuada por meio de projetos ou programas existentes seja, na escola, seja em âmbito de secretarias municipais ou das universidades, voltados para o atendimento dos professores da educação básica.

Conforme o exposto acima, a formação continuada dos professores é impedida de ocorrer por diversos fatores, mas a mesma é essencial para a qualidade de suas práticas e conseqüentemente para o sucesso do ensino. Porém para que a mesma se torne parte da vida desses profissionais é necessário que algumas medidas sejam tomadas, dentre elas uma melhor remuneração do professor, menor carga horária de trabalho, enfim é necessário meios e formas por intermédio das quais a mesma possa ocorrer.

Por meio da formação continuada o professor mantém-se sempre informado e atualizado, sendo que ela é primordial na construção e desenvolvimento de novas metodologias as quais são necessárias e essenciais no desenvolvimento do ensino dos alunos.

A formação do profissional docente não ocorre somente no curso de formação inicial, mas, sobretudo, é no contínuo de sua prática que o mesmo tem a possibilidade de amadurecer os seus saberes e rever os seus fazeres. Sendo assim, sua formação é permanente, ao mesmo tempo, em que deve ser associada às necessidades do seu trabalho pedagógico na escola (RIBEIRO; ARAÚJO, 2013, p. 28).

Portanto, a formação deve ser constante, pois a cada dia surgem novas tecnologias e necessidades as quais requerem profissionais qualificados e aptos ao seu suprimento.

Em relação ao desafio de **Kênia** ela ainda destaca que a escola necessita de materiais de apoio técnico e didático, a mesma ressalta que: *A escola necessita muito de materiais didáticos, computador, Datashow, todo esse aparato que é necessário para que haja uma aula diferenciada. A escola precisa de suporte técnico e didático.*

De acordo com a colocação do professor acima a falta destes equipamentos interfere na construção e realização de uma aula diferenciada, a qual gere mais incentivo e estímulo nos alunos, porém este pode valer-se de tecnologias e equipamentos existentes na própria comunidade.

O professor pode utilizar o espaço e os demais elementos que compõem a comunidade para desenvolver uma aula diferente e que prenda a atenção dos alunos. O educador não pode aliar o desenvolvimento de uma aula diferenciada simplesmente a partir da presença de equipamentos eletrônicos, sendo que tem muitos e variados meios de organizar uma aula agradável e produtiva.

Garantir educação pública e de qualidade para as pessoas é responsabilidade do poder público, porém conforme Libâneo (2013) o mesmo tem se esquivado dessa responsabilidade já que as escolas funcionam sob péssimas condições, falta materiais didáticos de qualidade, os recursos destinados são insuficientes e mal administrados, os profissionais são desvalorizados, etc.

Para um ensino de qualidade não basta só professores bem formados e competentes é necessário também que a escola apresente boa estrutura, materiais de suporte didático e técnico que possam auxiliar no desenvolvimento de um ensino de qualidade, professores valorizados que se sintam reconhecidos e importantes na sociedade, portanto é urgente que a educação seja vista como alternativa de uma sociedade melhor e isso não só para a sociedade, mas principalmente para o poder público.

O desafio apresentado por **Amir** pode ser explicado por meio da história em relação ao povo negro que o aluno conhece, pois sabemos que poucos conhecem a real história sobre a trajetória do povo negro, e o contraditório disto é que a escola é uma das maiores responsáveis por esse equívoco, quando deveria transmitir aos alunos o real motivo do negro ter sido escravizado e o quanto ele foi e é importante para o desenvolvimento da sociedade.

Por falta do real conhecimento, sobre a história e a cultura do povo negro, muitos alunos negros, acabam por negar a sua própria identidade, pois alguns associam o negro ao tempo da escravidão, ao negativo, e ao inferior. Portanto, “não é fácil construir uma identidade negra positiva convivendo e vivendo num imaginário pedagógico que olha, vê e trata os negros e sua cultura de maneira desigual” (GOMES, 2002, p. 41)

É necessário que os alunos e principalmente as crianças conheçam a real e importante história do negro, pois só assim irão perceber o quão importante o mesmo foi e continua sendo para a sociedade. Sendo também que é essencial que os professores desenvolvam atividades por meio das quais os alunos negros possam se sentir importantes, desconstruindo assim concepções de inferioridade sobre si mesmos.

Entre os muitos desafios enfrentados pelos professores na escola existem aqueles que são vivenciados e exclusivos da prática do ensino, ou seja, são aqueles que interferem na prática e na qualidade do ensino desenvolvido pelo professor. Sendo assim, a última pergunta foi: Que dificuldades enfrenta na prática de ensino dos alunos?

**Janaina:** *Em algumas vezes a leitura e a escrita*

**Amir:** *A falta de estímulo de alguns alunos*

**Kênia:** *A dificuldade das crianças em relação a escrita e ao conhecimento das letras, o pouco esforço da família e do próprio aluno.*

**Akin:** *A falta de materiais didáticos como livros de histórias infantis sobre a cultura negra e também livros didáticos, sendo que temos produzido junto com os alunos cadernos, livros, revistas por meio dos quais temos desenvolvido a Educação Escolar Quilombola e assim conhecer e reafirmar a história, a cultura e os costumes de nosso povo.*

**Lana:** *Conciliar os conteúdos da língua espanhola com o dia a dia dos alunos, com o cotidiano deles, pois é importante que se leve em consideração o dia a dia deles para a educação não ser algo muito distante da realidade deles.*

De acordo com os professores os desafios por eles enfrentados na prática do ensino vão desde a dificuldade na leitura e na escrita por parte de alguns alunos, perpassando pela falta de interesse e estímulo dos mesmos, sendo que isto pode ser reflexo da pouca participação dos pais no processo de ensino dos seus filhos, pela falta de materiais

didáticos de qualidade e também por conta dos conteúdos específicos da grade curricular, sendo que os mesmos são muito distantes da realidade dos alunos. Em contrapartida a isso Libâneo (2013, p. 224, 225) ressalta que:

Um professor não pode justificar o fracasso dos alunos pela falta de base anterior; o suprimento das condições prévias de aprendizagem deve ser previsto no plano de ensino. Não pode alegar que os alunos são dispersivos; é ele quem deve criar as condições, os incentivos e os conteúdos para que os alunos se concentrem e se dediquem ao trabalho. Não pode alegar imaturidade; todos os alunos dispõem de um nível de desenvolvimento potencial ao qual o ensino deve chegar. Não pode atribuir aos pais o desinteresse e a falta de dedicação dos alunos, muito menos acusar a pobreza como causa do mal desempenho escolar; as desvantagens intelectuais e a própria condição de vida material dos alunos, que dificultam o enfrentamento das tarefas pedidas pela escola, pois devem ser tomadas como ponto de partida para o trabalho docente.

Conforme o exposto acima é responsabilidade do professor tornar o ensino atraente aos olhos dos alunos, construindo assim meios por intermédio dos quais os mesmos venham a se interessar em aprender, ou seja, é necessário que o aluno se sinta motivado, estimulado e atraído pelo ensino.

É necessário que os professores criem meios por intermédio dos quais os alunos avancem no processo de leitura e escrita, pois é importante que o aluno se sinta estimulado a aprender, que seja algo prazeroso e que chame a sua atenção.

Sobre os pais, a escola deve estabelecer com estes uma parceria, por meio da qual os mesmos tenham ciência da importância de seu papel no processo de ensino dos seus filhos, fazendo com que os mesmos entendam que é por meio desta parceria que o processo de ensino irá fluir e que os seus filhos irão se desenvolver significativamente.

Em relação aos materiais didáticos é necessário que o professor construa e utilize metodologias que possam superar as ausências dos materiais didáticos, pois sabemos que muitos são os meios os quais podemos utilizar para tornar a aula mais significativa e produtiva, porém vale destacar que muitos materiais didáticos, fazendo referência aos livros, sendo que na maioria das vezes não estão de acordo e nem ressaltam a realidade de muitos alunos.

Libâneo (2013) o livro didático permite ao professor organizar e ampliar conhecimentos, porém por meio do mesmo é possível também propagar uma realidade

que não faz parte da vida do educador e da do próprio educando, sendo que são conhecimentos pertinentes e de interesse econômico e social da elite dominante.

Cabe ao professor analisar e selecionar conteúdos pertinentes ao conhecimento dos alunos na intenção de que por meio destes os mesmos tornem-se seres humanos conhecedores de seus direitos e também deveres.

A grade curricular serve para orientar o professor no desenvolvimento do ensino, porém o mesmo jamais pode se deter a ela e esquecer da significância que o ensino deve transmitir para o aluno, portanto o ensino deve estar o mais próximo possível daquilo que o aluno conhece, deve ter significado para ele, pois o mesmo não deve ter simplesmente uma formação para o desenvolvimento do trabalho e sim para o exercício pleno da cidadania.

Ao selecionar os conteúdos da série em que irá trabalhar, o professor precisa analisar os textos, verificar como são enfocados os assuntos, para enriquecê-los com sua própria contribuição e a dos alunos, comparando o que se afirmar com fatos, problemas, realidades da vivência real dos alunos (LIBÂNEO, 2013, p. 47).

O conteúdo a ser trabalhado em sala de aula necessita ser revisto pelo docente antes de ser ministrado aos alunos, pois o mesmo deve verificar se este está de acordo e é pertinente para o aprendizado dos alunos, sendo que o mesmo deve estar de acordo com o cotidiano dos alunos, os mesmos devem ter conhecimentos prévios sobre este, portanto aquilo que é trabalhado na sala de aula não pode ser algo distante e desconhecido dos alunos.

O professor deve organizar seu próprio planejamento e o mesmo necessita está de acordo com os objetivos e metas a serem alcançados, sendo que fica a critério do professor desenvolver um ensino que faça a diferença na vida de seus alunos ou que não lhes afete de alguma forma e não os construa enquanto seres humanos, sendo estes homens e mulheres não críticas e alienadas.

De acordo com Freire (1996) o professor ao entrar dentro da sala de aula deve dispor-se em responder os questionamentos, as questões, as interferências e o interesse em conhecer ou querer saber dos alunos, sendo assim um profissional crítico e acessível, preocupado com o ofício que é de sua responsabilidade sendo, portanto, este o de ensinar e não o de transferir conhecimento.

É por meio das indagações dos alunos e de suas inquietudes que o mesmo constrói o conhecimento, portanto cabe ao professor provocar dúvidas e curiosidades nos alunos, pois é por meio destas que a aprendizagem ocorrerá. Um ensino por meio do qual os alunos expressem suas ansiedades torna-se um ensino mais produtivo, prazeroso, pois se o aluno sentiu necessidade de perguntar, questionar, é porque o ensino lhe afetou.

## CONCLUSÃO

Por meio da construção do presente trabalho foi possível concluir que o ensino da Educação Escolar quilombola enquanto direito dos alunos descendentes de quilombos da comunidade São Pedro têm sido negados, pois os professores atuantes na escola não são capacitados para desenvolver tal ensino, sendo que não pertencem ao território e não possuem formação que lhes possibilite desenvolver a Educação Escolar Quilombola.

A escola não possui um Projeto Político Pedagógico (PPP) que lhe dê suporte para o desenvolvimento da Educação Escolar Quilombola, pois é essencial que esta possua um PPP enquanto escola quilombola.

A comunidade São Pedro e mais precisamente a escola Fernando Nunes necessita lutar para ter o seu direito enquanto quilombola reconhecido, pois é urgente que as particularidades dos alunos enquanto quilombolas sejam reconhecidas pelo estado e levadas em consideração no processo de ensino.

É necessário que a grade curricular da escola Fernando Nunes seja construída e desenvolvida a partir da realidade étnico racial dos alunos, respeitando suas particularidades enquanto descendentes quilombolas.

É dever do estado garantir aos alunos quilombolas uma educação que valorize e respeite suas particularidades, e ainda de qualidade, portanto os professores necessitam conhecer a realidade dos alunos, precisam ser capacitados para desenvolver uma educação diferenciada, ou seja, uma educação étnica racial.

É essencial que a comunidade São Pedro se reconheça e valorize sua identidade quilombola, pois este fortalecimento fará com que reconheçam e lutem por seus direitos enquanto tais.

Portanto para que os moradores da comunidade São Pedro sejam alcançados pelas políticas públicas, alcançando assim educação de qualidade, educação essa que respeite e valorize suas características enquanto quilombolas é necessário primeiramente que estes se auto reconheçam e lutem pela efetivação de seus direitos.

## REFERENCIAS

AMARAL, Assunção José Pureza. **Caminhos negros e afro descendência na Amazônia.** In: CAMPELO, Marilu Marcia; JESUS, Raimundo Jorge N. de; DEUS, Zélia Amador de: (org.). **Entre os rios e as florestas da Amazônia.** Perspectivas, memórias e narrativas de negros em movimento: subsídios para a lei 10639 / 03. Belém: UFPA; GEAM, 2014.

AMARAL, Assunção José Pureza. **Da senzala ao quilombo: práticas educativas e uso de recursos naturais entre os quilombolas do médio Amazonas – Pará.** Tese de doutorado. Orientadora Edna Maria Ramos de Castro. Universidade Federal do Pará. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Belém, 2008.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Indagações sobre currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo / [Miguel Gonzáles Arroyo]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 33ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012.

BRASIL, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Cidades, Pará: Castanhal. 2015. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?Codmun=150240>>. Acesso em: 12 ago. 2016, 16:00:00.

BRASIL, Plano Nacional de implementação das Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico – raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

CASTANHAL, **Prefeitura Municipal** de. Nossa cidade, 2015. Disponível em: <http://www.castanhal.pa.gov.br/nova2016/index.html>. Acesso em 18 ago.2015, 21:00:00.

COLARES, Luiz. Entrevista concedida a alunos da quarta série e professor da E.M.E.F Fernando Nunes Rodrigues da Comunidade quilombola São Pedro, Inhangapi-Pá, abril 2006.

COZBY, Paul C. **Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento**, 1. Ed. 2003-3. Repr. - São Paulo: Atlas, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra.** UFMG, Aletria – 2002. Disponível em: <http://www.Letras.Ufmg.br/poslit>

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores / as:** Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Universidade Federal de Minas Gerais. Educação e pesquisa, São Paulo, p. 167-182, jan /jun. 2003.

GUSMÃO, Francisca Oliveira. Entrevista concedida a alunos da quarta série e professor Fernando da E.M.E.F Fernando Nunes Rodrigues da comunidade quilombola São Pedro, no Cacoal, quilombo Itaboca, Inhangapi-Pá, abril 2006.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. (Org.) et al. **Educação do Campo na Amazônia:** retrato de realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda.2005.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Transgressão do paradigma da (multi) seriação como referência para a construção da escola pública do campo.** Educ. Soc., Campinas, v. 35, nº. 129, p. 1165-1182, out. Dez., 2014.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej; BARROS, Oscar Pereira. Currículo e Educação do campo na Amazônia: referências para o debate sobre a multisseriação na escola do campo. Espaço do currículo, pp. 348-362, março a setembro de 2010. Disponível em: <http://periódicos.Ufpb.br/ojs2/index.Php/rec>

LIBÂNEO, José Carlos. Didática / José Carlos Libâneo. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos:** inquietações e buscas. Educar, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR.

MACHADO, Joana Carmem do Nascimento. “Nem parecer que tem quilombola aqui”: (in) visibilidade da identidade quilombola no processo formativo da CFR do território quilombola de Jambuaçu Pe. Sérgio Tonetto / instituto de ciências, programa de pós-graduação UFPA, 2014.

MOURA, Gloria [ET AL]. **Educação Quilombola.** Salto para o Futuro, 2007.

MOURA, Gloria. **Aprendizado nas comunidades quilombolas: currículo invisível.** In: BRAGA, Maria Lúcia de Santana; SOUZA, Edileuza Penha de; PINTO, Ana Flávia Magalhães (organizadoras). **Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

NUNES, Georgina Helena Lima. **Educação formal e informal:** o diálogo pedagógico necessário em comunidades remanescentes de quilombos. In: BRAGA, Maria Lúcia de Santana; SOUZA, Edileuza Penha de; PINTO, Ana Flávia Magalhães (organizadoras). **Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

OLIVEIRA, Bárbara [ET AL]. **Educação quilombola:** Saberes tradicionais de saúde. Salto para o Futuro, 2007.

PEREIRA, Ana Claudia da Silva. **Lições da educação do campo: Um enfoque nas classes multisseriadas.** In: HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. (Org.) et al. **Educação do Campo na Amazônia:** retrato de realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém: Gráfica e Editora Gutenberg Ltda.2005.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Os remanescentes de quilombolas na região do Tocantins (PA):** História, cultura, educação e lutas por melhores condições de vida. In: BRAGA, Maria Lúcia de Santana; SOUZA, Edileuza Penha de; PINTO, Ana Flávia Magalhães (organizadoras). **Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

Projeto Político Pedagógico Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Nunes Rodrigues. 2016-2017, Castanhal, 2016.

REIS, Eládio. A colônia Quilombola que Castanhal não conhecia; Revista Independente, Castanhal, 2006.

RIBEIRO, M.E. **Formação Continuada de Professores:** desafios e perspectivas no atual contexto político e educacional. In: RIBEIRO, Maria Edilene; CUNHA, Débora Alfaia da; PEREIRA, Elisa de Nazaré Gomes et al. (org.). **Formação Continuada de Professores:** entrelaçando saberes e práticas inovadoras. Castanhal, PA: GEPPE, 2013.

RIBEIRO, Maria Edilene; ARAÚJO, Naiara de Souza. **A formação continuada de professores:** um “olhar” sobre o projeto “inovações metodológicas”. In: RIBEIRO, M.E. CUNHA, D.A. (org.). **Formação Continuada de Professores:** entrelaçando saberes e práticas inovadoras. Castanhal, PA: GEPPE, 2013.

RIBEIRO, Maria Edilene; ARAÚJO, Naiara de Souza. **A formação continuada de professores:** um “olhar” sobre o projeto “inovações metodológicas”. In: RIBEIRO, M.E. CUNHA, D.A. (org.). **Formação Continuada de Professores:** entrelaçando saberes e práticas inovadoras. Castanhal, PA: GEPPE, 2013.

RODRIGUES, Ananias Lima; RODRIGUES, Fernando Feitosa. **Formação histórica da Comunidade São Pedro no município de Castanhal, nordeste do estado do Pará.** Monografia (Especialização Políticas de Igualdade Racial da Escola, III Curso Sabres Africanos e Afro-brasileiros na Amazônia Implementação da Lei 10.639/2003), Universidade Federal do Pará, 2015.

RODRIGUES, Fernando Feitosa et al. Histórico da comunidade quilombola São Pedro – município de Castanhal – PÁ, Escola Fernando Nunes, 2007.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade,** 6. ed. São Paulo, Cortez, 2007.

SANTOS, José Rodrigo Pontes dos. **“Cotas sim! Esmola não”:** o Processo Seletivo Especial quilombola da Universidade Federal do Pará na concepção de alunos aprovados entre os anos de 2012 a 2014 para o Campus Universitário de Castanhal. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará Campus Castanhal, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**, 23. Ed. Ver. e atualizada- São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, Romier et al. Educação do campo na Amazônia: A experiência das Escolas Famílias do estado do Amapá / Sousa, Romier; Cruz, Renilton; Silva, Franciara; Moraes, Maura. – Belém: Instituto internacional de Educação do Brasil [IEB], 2016.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingos. **Comunidade de remanescentes de quilombo de Pedras Negras do Guaporé: bases para a discussão sobre a regularização fundiária**. In: CAMPELO, Marilu Marcia; JESUS, Raimundo Jorge N. de; DEUS, Zélia Amador de: (org.). **Entre os rios e as florestas da Amazônia**. Perspectivas, memórias e narrativas de negros em movimento: subsídios para a lei 10639 / 03. Belém: UFPA; GEAM, 2014.

EXCLUSIVO:

# A colônia Quilombola que Castanhal não conhecia

\* Por Eládio Reis

*Descoberta de uma colônia Quilombola em Castanhal surpreende historiadores e autoridades e mobiliza entidades paraenses de defesa dos remanescentes de Zumbi dos Palmares, o escravo fugitivo que revolucionou toda uma história.*

No Pará, o número de comunidades remanescentes de Quilombos chega a 230, mas devido a grandiosidade territorial do Estado e áreas de difícil acesso, essa lista, ao que tudo indica, está muito longe de ser uma pesquisa conclusiva. Foi o que aconteceu com Castanhal, região Nordeste do Estado, até hoje. Mas já faz 40 anos que a família de dona Sebastiana Feitosa Rodrigues, 66 anos de idade, descendente de escravos, vive na área de mata fechada a 16 quilômetros da sede do município, próximo à localidade de Bacuri. Lá a família procriou-se e por lá ficaram durante todo esse tempo, bem longe dos olhos de toda a sociedade paraense. Foi a primeira vez que uma equipe de imprensa chegou até o local, onde a pequena comunidade de pouco mais de 100 pessoas é composta de uma só



Até as crianças ajudam a colher o açai: parte do sustento da família.

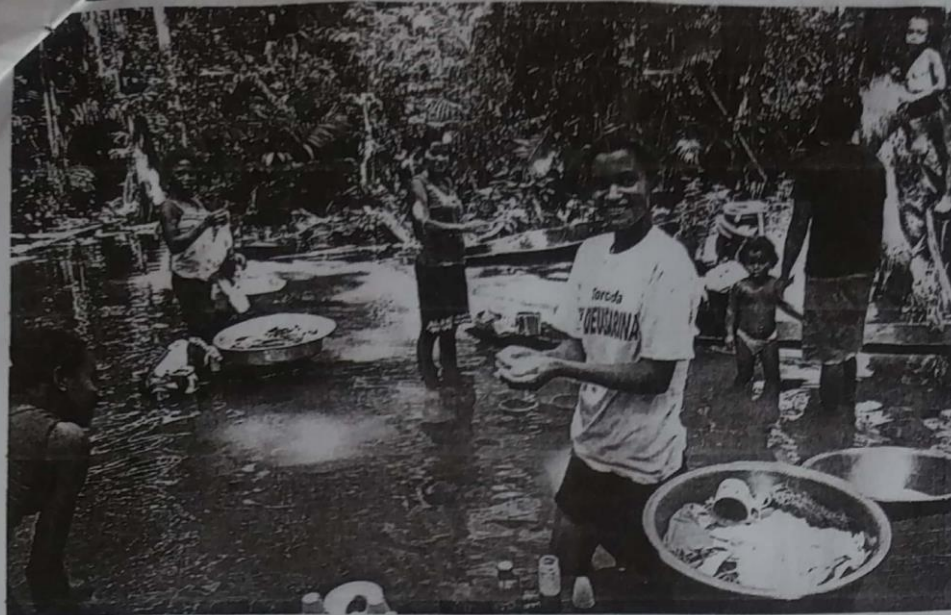


Pequeno Samuel, de apenas nove meses de idade, o mais novo da família de 52 netos.

família: os Quilombolas.

A história do negro no Brasil conta que os primeiros registros do Quilombo

datam 1580 e são "pequenos acampamentos formados por escravos fugitivos". Muitos dos negros alforriados



Na lida dirária as jovens lavam a roupa enquanto os homens lidam no plantio e na colheira na roça.

dos casos composta por uma só família - escolheram os lugares mais longínquos do país para viver e, aos poucos, recomeçar tudo de novo.

## PARÁ TEM 230

### COLÔNIAS QUILOMBOLAS

Desde o ano 2000, com a implantação do programa "Raízes", do Governo do Pará, o Estado passou a atender as suas comunidades remanescentes de Quilombos. Já foram identificadas até agora mais de 230 comunidades, com a titulação de mais de 450 mil hectares de terras públicas pelo Instituto de Terras do Pará (Iterpa).

Na região Nordeste do Pará, alguns desses locais foram identificados nos municípios de Inhangapi, São Miguel do Guamã e São Domingos do Capim. Castanhal, por sua vez, estava muito longe de ser conhecida como uma cidade possuidora de uma comunidade Quilombola, embora sejam registradas as áreas de Ilaboca e Castanhalzinho (próximo a Macapazinho). Com essa nova descoberta, a partir de agora essa história deve mudar.

Em Castanhal, onde estão há mais de 40 anos, os moradores da localidade - por eles mesmos batizada de São Pedro -, entre a agrovila de Bacuri (Castanhal) e



Dona Sebastiana: "me sinto feliz em poder fazer parte de Castanhal".

Pitimandeuva (Inhangapi), deixam o anonimato para ostentar, enfim, a sua cidadania castanhalense, de fato e de direito. "Nós estamos muito felizes, pois esperamos muito tempo por essa hora. Agora chegou a nossa vez", comemora dona Sebastiana, juntamente com seu esposo Pedro Rodrigues, seus nove filhos, 52 netos e 12 bisnetos, incluindo o pequeno Samuel, de apenas nove

meses de idade. Para eles, o fato de Castanhal ter descoberto, reconhecido e assumido a comunidade como parte do município é o mesmo que quebrar a corrente da solidão que os ilhou dentro da mata durante mais de quatro décadas.

A vida na comunidade Quilombola São Pedro, em Castanhal, é

típica de quem viveu uma história de dor e sofrimento e que posteriormente fez parte de uma inclusão que só acontece aos poucos em todo o Brasil. Sem escola, posto médico, estrada, energia, telefone, longe até de sua própria história, mas com muita esperança, os moradores vivem daquilo que produzem. Comércio mesmo só da farinha de mandioca, fruto de um ensinamento que passa de pai pra filho. Rosivaldo Rodrigues, 23 anos, faz farinha desde os 13 anos de idade. "Eu aprendi a trabalhar na roça com meu pai, que também era agricultor", explica.

Com motor que funciona a gasolina e dois fornos a lenha, a produção de farinha une-se à colheita de frutíferas e açaí, num cardápio quase que diário que mata a fome e alimenta a esperança de que dias melhores virão. "Nós somos felizes aqui, com o nosso jeito de viver, e não temos vergonha disso, muito pelo contrário, somos vencedores", sentencia Rosivaldo.

### EM NOME DA EDUCAÇÃO

O filho mais alfabetizado da comunidade, Fernando Feitosa Rodrigues, 33 anos, tem o magistério concluído e já lecionou em escolas de Pitimandeuá. Mas em 2002, assim que autoridades de Inhangapí descobriram que a localidade de São Pedro não pertencia àquele município e sim a Castanhal, o professor foi demitido. "Foi uma tristeza em dobro pra mim, pois dos alunos que eu tinha lá em Pitimandeuá 30 eram meus sobrinhos", explica Fernando, que até poucos dias atrás pedalava até 15 quilômetros todos os



Jovem prepara a goma.



Rosivaldo aprendeu a profissão com o pai, que era agricultor.



Farinha é uma das fontes de sobrevivência da comunidade.

dias até a sede do município de Castanhal para ensinar jovens e crianças a ler e escrever.

Matriarca da família, dona Sebastiana admite que o único acesso para a localidade partia de Pitimandeuá, onde há um igarapé que divide as duas cidades - Castanhal e Inhangapí -, mas a partir de 2003, uma estrada de chão, aberta por uma máquina de um empresário castanhalense, ligou, pela primeira vez, a comunidade Quilombola São Pedro à Castanhal, via BR-316, com passagem pela confluência dos ramais de Bacuri e Cupiúba. E a família de dona Sebastiana pôde, enfim, conhecer a sua legítima terra: Castanhal. "Pra mim é um grande prazer saber que faço parte dessa cidade tão bonita", diz.

No pequeno povoado cercado por mata virgem existe uma infra-estrutura mínima, com 15 casas de enchimento em barro, uma área coberta para cevar a mandioca, igarapé de água cristalina, roça para plantar e colher, e um templo da Igreja Assembléia de Deus,

onde começou a funcionar uma escola no final de março deste ano; uma alegria para os netos de dona Sebastiana e seu Pedro e uma realização pessoal para o educador Fernando Rodrigues, que lecionará agora tão somente para os seus sobrinhos e há poucos metros de sua casa. "Pra mim acho que é até mais fácil lecionar para uma classe de alunos onde todos são meus parentes. Pois conheço um a um, sei das suas habilidades e das suas dificuldades", acredita.

### PARÁ FICOU SURPRESO

#### NOVA COM A DESCOBERTA

A notícia de que existe uma comunidade Quilombola em Castanhal há mais de 40 anos pegou de surpresa até mesmo pesquisadores, historiadores, entidades de defesa do negro e o Poder Executivo Municipal. O prefeito Hélio Leite acionou várias secretarias municipais para realizar um levantamento das necessidades e

garantir infra-estrutura para a área. Uma das primeiras ações serão a melhoria da via que liga a sede do município à localidade e a garantia da escola, que já entrou em funcionamento.

Fundado em 1980 o Centro de Estudo e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA), sediado em Belém, trabalha como meta "contribuir para a eliminação de todos os mecanismos que produzam discriminação racial, estimulando a conscientização e propondo políticas públicas para a população afrodescendente do Pará". Seu principal papel consiste num trabalho com comunidades remanescentes de Quilombos, principalmente relacionado à titulação de terras.

Conversei por telefone com a coordenadora do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA), Raimunda Nilma. Ela nos disse que até então desconhecia a área de São Pedro, mas garantiu: "vamos dar total apoio, procurar conhecer e garantir os seus direitos como Quilombolas". Ela disse que ainda em abril vai reunir com a comunidade e autoridades locais. Comunidades Quilombolas de Inhangapí e São Domingos do Capim também serão visitadas.

Damiana Nascimento, presidente da Associação Consciência Negra Quilombos,

de Castanhal, também não sabia da existência da comunidade São Pedro dentro do município. Mas se disse feliz com a informação. "Pra nós é muito bom receber essa notícia. Sem dúvida também vamos nos mobilizar e os moradores podem contar com a gente", diz. Na reunião geral que aconteceu no domingo, dia 19 de março, Damiana comunicou a todos os associados a notícia, o que ocasionou a inclusão da comunidade no roteiro de visita já nas próximas semanas da entidade, criada em 1995 e que defende os direitos dos povos afrodescendentes.

Fernando Rodrigues diz que "tudo o que nós queremos é poder conhecer melhor as nossas próprias origens e viver em paz nesta terra que nos acolheu tão bem", finaliza.

Enquanto esperam o progresso chegar na localidade, dona Sebastiana, seu Pedro e sua prole sabem muito bem que são parte de uma história de luta, mas de grandes vitórias. Outrora lutava pela liberdade o escravo fugido Zumbi dos Palmares, lutam agora os moradores da comunidade Quilombola de São Pedro pela conquista definitiva de seu espaço na sociedade castanhalense e um chão que tenha, enfim, nome e endereço. Ser castanhalenses é tudo o que eles querem. ■

(Eládio Reis)

eladio\_reis@yahoo.com.br



Um olhar no futuro de quem teve um passado de lutas e vitórias.



Filhos de um sonho de liberdade alimentam a vontade de se tornar membros efetivos da sociedade castanhalense.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n. 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n. 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, Artigo 322 da Constituição do Pará e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade São Pedro - Bacuri**, localizada no município de Castanhal, Estado do Pará, registrada no Livro de Cadastro Geral n. 10, Registro n. 966, fl. 31, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n. 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n. 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s):

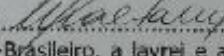
Fernando Feltosa Rodrigues – CPF nº 401.331.092-91

Raimunda Sá de Barros – CPF nº 920.601.962-72


Manoel da Conceição Maia – CPF nº 656.011.222-33

Pedro Cirilo Rodrigues – CPF nº 096.553.522-34

Sebastiana Feitosa Rodrigues – CPF nº 595.632.222-53

Eu, Miriam Caetana de Souza Ferreira (Ass.) , Diretora-Substituta da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, 19 de abril de 2007.

O referido é verdade e dou fé

  
**Maria Bernadete Lopes da Silva**  
Presidenta-Substituta

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF – Brasil

Fone: (0 XX 61) 3424-0106(0 XX 61) 3424-0137 – Fax: (0 XX 61) 3326-0242

E-mail: [chefiadegabinete@palmares.gov.br](mailto:chefiadegabinete@palmares.gov.br) <http://www.palmares.gov.br>

"A Felicidade do negro é uma felicidade governo." (Waldir Salomão)

## ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES DE UMA ESCOLA QUILOMBOLA

### **Dados**

Nome:

Idade:

Sexo:

Formação:

Endereço:

1. Qual o tempo de atuação na escola?
2. Como a educação valoriza a identidade dos alunos quilombolas?
3. Você sabe sobre a história de formação da comunidade que você trabalha?
4. Você tem conhecimento da resolução 08?
5. Para você o que é educação quilombola?
6. A escola desenvolve a Educação Escolar Quilombola? Se sim, como?
7. Possui curso ou formação que lhe capacitou para desenvolver a Educação Escolar Quilombola?
8. Que desafios você enfrenta enquanto docente de uma escola quilombola? Descreva-os.
9. Que dificuldades enfrenta na prática de ensino dos alunos?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS CASTANHAL  
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Estou realizando uma pesquisa de campo para subsidiar o meu Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, que tem como Título: **PANORAMA DA EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO PEDRO NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL PA**. Orientado pelo Prof. Dr. Assunção José Pureza Amaral. Este trabalho tem como objetivo analisar os desafios enfrentados por professores na prática do ensino aprendizagem nos anos iniciais de uma escola Quilombola do município de Castanhal Pará. Para tanto, gostaria de contar com sua colaboração, respondendo a este Roteiro de Entrevista. Esclareço que sua participação é totalmente voluntária, podendo você desistir a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa, que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas em mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Eu, \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado sobre todos os procedimentos da pesquisa de campo acima citados, da qual fui convidado (a) a participar e aceito contribuir voluntariamente com essa pesquisa. Por isso assino este termo de consentimento livre, que será assinado por mim e pelo pesquisador.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

Data: -----/-----/-----